



RHI MAGNESITA

**RELATORIA AUDIÊNCIA PÚBLICA DO PROJETO DE
RENOVAÇÃO DA LICENÇA DE OPERAÇÃO MINA BELA
VISTA PA SIAM Nº 00178/1994/004/2009 – MAGNESITA
REFRATÁRIOS S.A**

- 1. Ata da audiência pública**
- 2. Transcrição da audiência pública**

07 de junho de 2022



ATA DE AUDIÊNCIA DO PROJETO DE RENOVAÇÃO DA LICENÇA DE OPERAÇÃO MINA BELA VISTA PA SIAM Nº 00178/1994/004/2009 – MAGNESITA REFRATÁRIOS S.A.

Aos **sete dias do mês de junho de 2022**, no auditório da ACIU (Associação Comercial Industrial e de Serviços de Uberaba), programada para as 19:00h (dezenove horas) a **Audiência Pública para abertura do Projeto de Renovação da Licença de Operação Mina Bela Vista PA SIAM Nº 00178/1994/004/2009 – MAGNESITA REFRATÁRIOS S.A.** Previamente houve a convocação desta Audiência Pública sobre o EIA/RIMA do empreendimento Magnesita Refratários S.A, atividades Lavra a céu aberto – Minerais não metálicos, exceto rochas ornamentais e de revestimento; Unidade de Tratamento de Minerais – UTM, com tratamento a úmido; Pilhas de rejeito/estéreo; Barragem de contenção de resíduos industriais, com registros na ANM sob os nº/s 920.761/1988, 014.235/1967, 830.632/1982, 920.761/1988, 004.829/1943, 005.494/1943, 00.254/1944, 803.716/1974, 803.716/1974, 803.718/1974, 803.719/1974, 803.720/1974, 812.235/1970, 812.236/1970, 813.079/1970, e 830.203/1978, no município de Uberaba/MG. A Audiência ocorreu presencialmente e foi transmitida virtualmente pelo link: <https://mbv.audienciapublicaonline.com.br/>. Fizeram presente representantes da sociedade civil, trabalhadores da RHI Magnesita, pesquisadores e professores, representantes das entidades - Superintendência Regional de Meio Ambiente Triângulo Mineiro, Ministério Público, e ANGÁ.

A sessão teve início às 19:01 (dezessete horas e um minuto) com abertura oficial pela presidente da mesa, senhora Kamila Borges Alves, e precedida da execução do Hino Nacional Brasileiro. A mesa diretora foi composta por:

Ao centro:

- Kamila Borges Alves - Superintendente Regional de Meio Ambiente Triângulo Mineiro SUPRAM TM (presidente da mesa);
- Francisco Raelson de Oliveira - Coordenador do Núcleo de Apoio Operacional da SUPRAM TM;

À direita da presidente da mesa:

- Andrey Muniz Garcia - RHI Magnesita;
- Carlos Eduardo Rodrigues Souza - RHI Magnesita;
- Mariana Welter - RHI Magnesita;
- Rosângela Eugênio do Amaral - RHI Magnesita;

À esquerda da presidente da mesa:

- Gustavo Bernadino Malaco - ANGÁ;
- Carlos Alberto Valera - Promotor de Justiça Ministério Público.

Kamila Borges Alves, apresentou a programação e regras da Audiência Pública, bem como a finalidade do ato de audiência, que propõe a explanação e participação da

sociedade para esclarecimento e manifestações dos presentes em relação ao objeto em discussão.

Na sequência, Carlos Eduardo, representante da RHI Magnesita, a líder mundial da indústria de refratários, apresentou o EIA/RIMA que descreve o empreendimento objeto deste documento, declarado como propriedade da Magnesita Mineração S/A, localizado no município de Uberaba/MG, com as seguintes atividades conforme DN COPAM nº 217/2017: Lavra a céu aberto – Minerais não metálicos, exceto rochas ornamentais e de revestimento; Unidade de Tratamento de Minérios – UTM, com tratamento a úmido; Pilhas de rejeito/estéril de minerais não metálicos; Barragem de contenção de resíduos industriais. O Grupamento Mineiro DNPM 920.761/1988 engloba as seguintes poligonais: DNPM 004.829/1943, DNPM 005.494/1943, DNPM 006.254/1944, DNPM 803.716/1974, DNPM 803.718/1974, DNPM 803.719/1974, DNPM 803.720/1974, DNPM 812.235/1970, DNPM 812.236/1970, DNPM 813.079/1970 e DNPM 830.203/1978. A Unidade de Tratamento de Minérios - UTM, com tratamento a úmido é identificada como Unidade de Beneficiamento Fazenda Bela Vista e está locada nas poligonais DNPM 006.254/1944 e DNPM 813.079/1970. As pilhas de rejeito estão localizadas nas poligonais DNPM 812.235/1970 e DNPM 812.236/1970. O representante da RHI Magnesita, destacou a importância dos refratários, sobretudo no consumo durante a produção de aço e outras aplicações industriais. O projeto de renovação da licença de operação da Unidade Uberaba foi apresentado segundo a Área Diretamente Afetada (ADA) definida no estudo. Foi enfatizado o processo de extração de argila, considerando a permissão definida pelo estudo geológico, e a recuperação ambiental. A caracterização da expansão do empreendimento não ultrapassará 0,4% da área destinada ao direito minerário, e respeitará a Reserva Particular de Patrimônio Natural. Ademais, a renovação do projeto permitirá o fortalecimento do mercado de trabalho e a matriz de sustentabilidade.

Rosângela Eugênio, apresentou o resultado os estudos EIA/RIMA sobre a avaliação ambiental e os impactos na fauna. A realização do estudo contou com o apoio de pesquisadores e expertises da área. Foram realizados diagnósticos que consideraram a mudança climática, e a diversidade de fauna e flora local. Ressaltou a importância do processo minerário, e o desenvolvimento da mineração consciente e com recuperação. Foi apresentado também, a evolução da regeneração em área de mineração da Magnesita.

Carlos Alberto Valera, cedeu um tempo de sua fala ao representante da Angá, ator referência para ordem técnica do processo. Ainda em sua fala, reforçou a necessidade de avaliação de ambientação estratégica e avaliação ambiental integrada. Reconheceu a importância da mineração, e reforçou que a mesma deve ser feita de forma responsável e mitigadora para os possíveis riscos ambientais, sobretudo no



monitoramento da biodiversidade. Sua manifestação focou nos aspectos jurídicos relativos aos desdobramentos da renovação.

Gustavo Malaco, também solicitante desta audiência pública, apresenta a fundação Angá. Denominada Associação para a Gestão Socioambiental do Triângulo Mineiro, refere-se a uma organização não governamental, fundada em 2008, criada por um grupo de jovens profissionais comprometidos com a necessidade de se promover ações efetivas para a conservação e preservação dos recursos naturais e o desenvolvimento regional sustentável. As principais linhas de atuação da associação estão relacionadas à biologia da conservação, ao empoderamento da sociedade civil e à participação em colegiados, redes e fóruns na área socioambiental e de recursos hídricos. A entidade participa de diálogos com organizações e grupos que buscam a sustentabilidade através de melhores práticas sobre utilização dos recursos naturais, treinamento de organizações sociais e de certificação. Enfatiza as espécies ambientais exclusivas da região, e as diversas espécies que se encontram ameaçadas de extinção - foi apresentado diversos exemplos de aves e demais animais nessas condições -. Foi apresentado os campos hidro mórficos em riscos, e acumulação de impactos presentes antes da recuperação das áreas. Foi questionado a ausência de estudos no EIA/RIMA que incluía a inferência quanto as espécies da biodiversidade disponíveis antes e depois da exploração mineral. Relatado ainda, impactos como a contaminação biológica, queimada, agronegócios e demais impactos ambientais, e as consequências diante da mudança climática. Foi apresentado os hectares de área que devem ser preservados, e outras necessidades de manejo, preservação e proteção. A manifestação foi em torno da necessidade de debate/discussão quanto a importância de preservação, monitoramento e mitigação da biodiversidade. Foram realizados alguns questionamentos, que estarão presentes da transcrição na íntegra desta audiência. A priori alguns dos questionamentos diz respeito a: *Quais as medidas sobre os impactos? Ocorre o monitoramento da fauna e flora? Qual a população dos animais ameaçados de extinção? Quais os estudos foram realizados para mitigação? Foram feitos estudos de população sobre as espécies? Exigir as empresas minerárias um plano de conservação e restauração da biodiversidade. Solicitar a posição do Instituto Estadual de Floresta.*

O público presente presencialmente ou por meio da plataforma Zoom, realizou manifestações, que foram mediadas pela presidente da mesa. A organização das manifestações se deu da seguinte forma: Máximo de doze blocos de perguntas e respostas, composto por três perguntas de até três minutos cada e resposta única de seis minutos. **A presente ata apresenta a síntese do debate, em anexo, segue a transcrição na íntegra de toda a audiência.**

O representante da RHI Magnesita, destacou a importância dos refratários, sobretudo no consumo durante a produção de aço e outras aplicações industriais. O projeto de renovação da licença de operação da Unidade Uberaba foi apresentado segundo a Área

Diretamente Afetada (ADA) definida no estudo. Foi enfatizado o processo de extração de argila, considerando a permissão definida pelo estudo geológico, e a recuperação ambiental. A caracterização da expansão do empreendimento não ultrapassará 0,4% da área destinada ao direito minerário, e respeitará a Reserva Particular de Patrimônio Natural. Ademais, a renovação do projeto permitirá o fortalecimento do mercado de trabalho e a matriz de sustentabilidade.

Carlos Alberto Valera, cedeu um tempo de sua fala ao representante da Angá, ator referência para ordem técnica do processo. Ainda em sua fala, reforçou a necessidade de avaliação de ambientação estratégica e avaliação ambiental integrada. Reconheceu a importância da mineração, e reforçou que a mesma deve ser feita de forma responsável e mitigadora para os possíveis riscos ambientais, sobretudo no monitoramento da biodiversidade. Sua manifestação focou nos aspectos jurídicos relativos aos desdobramentos da renovação.

Gustavo Malaco, também solicitante desta audiência pública, apresenta a associação Angá. Denominada Associação para a Gestão Socioambiental do Triângulo Mineiro, refere-se a uma organização não governamental, fundada em 2008, criada por um grupo de jovens profissionais comprometidos com a necessidade de se promover ações efetivas para a conservação e preservação dos recursos naturais e o desenvolvimento regional sustentável. As principais linhas de atuação da associação estão relacionadas à biologia da conservação, ao empoderamento da sociedade civil e à participação em colegiados, redes e fóruns na área socioambiental e de recursos hídricos. A entidade participa de diálogos com organizações e grupos que buscam a sustentabilidade através de melhores práticas sobre utilização dos recursos naturais, treinamento de organizações sociais e de certificação. Enfatiza as espécies ambientais exclusivas da região, e as diversas espécies que se encontram ameaçadas de extinção - foi apresentado diversos exemplos de aves e demais animais nessas condições -. Foi apresentado os campos hidro mórficos em riscos, e acumulação de impactos presentes antes da recuperação das áreas. Foi questionado a ausência de estudos no EIA/RIMA que incluía a inferência quanto as espécies da biodiversidade disponíveis antes e depois da exploração mineral. Relatado ainda, impactos como a contaminação biológica, queimada, agronegócios e demais impactos ambientais, e as consequências diante da mudança climática. Foi apresentado os hectares de área que devem ser preservados, e outras necessidades de manejo, preservação e proteção. A manifestação foi em torno da necessidade de debate/discussão quanto a importância de preservação, monitoramento e mitigação da biodiversidade. Foram realizados alguns questionamentos, que estarão presentes da transcrição na íntegra desta audiência. A priori alguns dos questionamentos diz respeito a: *Quais as medidas sobre os impactos? Ocorre o monitoramento da fauna e flora? Qual a população dos animais ameaçados de extinção? Quais os estudos foram realizados para mitigação? Foram feitos estudos de*



população sobre as espécies? Exigir as empresas minerárias um plano de conservação e restauração da biodiversidade. Solicitar a posição do Instituto Estadual de Floresta.

Guilherme Rezende Correa - Professor da UFU (presencial): Aborda que a argila refrataria é solo e quais os desdobramentos da retirada do solo, e os impactos na água e nas áreas. Questiona que os impactos não foram apresentados da forma condicente ao processo de construção dos murundus e demais área de exploração. Uma vez que os campo de murundus apresentam complexidades que não foram consideradas. O processo de restauração não cobrirá a área afetada.

Albert Galom Aguiar - Organização da Sociedade Civil (plataforma Zoom): Sua fala buscou fortalecer a manifestação da associação Angá, reforçando o impacto da extinção de aves. O cerrado é o bioma brasileiro mais ameaçado atualmente, e as especiais presentes em Uberaba são importantes para a conservação da área.

Rainer Ferreira - Professor da UFTM, USP, UFSCAR (presencial): Reitera a importância do impacto ambiental, bem como o papel da academia e da ciência da identificação das especiais ameaçadas. Reitera que não houve estudos científicos que corroboram com o diagnóstico apresentado pelo EIA/RIMA. Solicitam a apresentação de estudos que sejam referenciados pela literatura científica.

Rosângela Eugênio - RHI Magnesita: Reitera que o Termo de Referência propõe a identificação da necessidade de campanha de fauna e flora, em época de cheia e seca. Reconhece que esse método é insuficiente para investigar em detalhes o comportamento e desdobramento das espécies, mas destaca que o EIA/RIMA é um retrato das condicionantes do licenciamento ambiental e seus achados estão de acordo com as expertises do corpo técnico que compuseram o estudo.

Andrey Muniz - RHI Magnesita: Reitera que o impacto no solo é reversível. É possível favorecer a recarga da bacia de água. O estudo apresentará também a mensuração dos impactos ambientais.

Kamila Borges, ressalta a necessidade de escuta e debate nesse momento da audiência, para que seja apresentado posteriormente pela a empresa, algumas análises técnicas.

Kelcio Fatineli - RHI Magnesita (presencial): Quantos empregos serão gerados e qual a importância para economia da cidade?

Anderson Beloto - (plataforma Zoom): A mineração da RHI Mineração é comparável a outras minas de ferro, por exemplo?

Marcelo - RHI Magnesita (presencial): Como o processo socioambiental da empresa contribuiu com a sociedade?



Carlos Eduardo Rodrigues Souza - RHI Magnesita: Relata ter duzentos e noventa e nove empregados impactados diretamente na cidade de Uberaba com o mercado de trabalho ofertado pela Magnesita. Outros impactos socioambientais estão disponíveis na matriz de sustentabilidade.

Andrey Muniz - RHI Magnesita: São realizadas cavas em céu aberto, o método de lavra é considerado mecanizado. Os impactos de ruídos são quase inexistentes, e é trabalhado a extração de um material com alto valor agregado. Os impactos em relação a outras minerações, demonstra aspectos diferenciados.

Antônio Sérgio Corrêa Silva - RHI Magnesita: Como será feito o retorno ambiental do ecossistema?

Pergunta escrita - (plataforma Zoom): Quais as ações previstas para conter possíveis transbordamentos e quais os mecanismos de manutenção da água?

Aristonides Fontora - RHI Magnesita (plataforma Zoom): A atividade da empresa interfere na qualidade de água de Uberlândia?

Carlos Eduardo Rodrigues Souza - RHI Magnesita: Será feito uma padronização da recuperação ambiental, para que seja possível ter recarga hídrica, e índices de reparação. Para esse monitoramento será utilizado indicadores para avaliar os rumos dos processos. Reitera que diversos pesquisadores da academia fazem parte do estudo e menciona que a empresa está aberta para receber o apoio de novos pesquisadores.

Thiago Elias - Watergeo solution (presencial): a valoração do impacto considera 12 litros por segundo com a vazão da captação da cidade de Uberaba. Os resultados demonstram um impacto irrisório na atividade de lavra em relação ao abastecimento público de Uberlândia.

Rodrigo Werles - (plataforma Zoom): Como a empresa pretende mitigar os impactos na fauna, considerando a relevância para região?

Cláudia Guerra - (plataforma Zoom): *Ausente no momento da pergunta.*

Marco Aurélio Fernandes – A argila tem algum diferencial? Só existem em Uberaba?

Pergunta escrita - (plataforma Zoom): Qual o trabalho ambiental está sendo feito?

Rosângela Eugênio - RHI Magnesita: Em relação a fauna, a empresa tem realizado medidas de proteção a vegetação e fauna que existe. Ressalta que é uma área susceptível as queimadas, e que algumas áreas são em propriedade privada. Detalha as medidas tomadas para a mitigação dos riscos. E ao longo do tempo, em conjunto com a educação ambiental, a fauna retornará a sua realidade primária.

Andrey Muniz - RHI Magnesita: Em relação a argila refratária, pode se dizer que é restrita a Uberaba, pelo seu alto teor de alumina.

Carlos Eduardo Rodrigues Souza - RHI Magnesita: Os trabalhos ambientais que estão sendo feitos consideram o isolamento das áreas e o acompanhamento por meio de indicadores. Além de programas para avaliação das águas, e demais programas de educação ambiental, e recuperação ambiental.

Carlos Perez - ambientalista (presencial): Participou da criação do “Voz do Cerrado” na qual culminou em diversas recomendações. Em sua fala realiza um apelo ao ministério público estadual para que o passível ambiental seja considerado. Uma vez que, diversos pastos degradados têm sido afetados e não há um modelo de sustentabilidade em âmbito nacional capaz de assegurar um turismo responsável, o emprego e renda. Questiona-se como poderia ser trabalhado de forma sustentável? Como agregar e articular com demais membros da sociedade civil e das universidades?

Luana Santos - (plataforma Zoom): Há o acompanhamento dos efeitos de borda? E dos impactos na fauna?

Leonardo Silveira - Geógrafo (presencial): Os rios que perpassam a região abastecem uma população considerável. As atividades realizadas nesse local terão um impacto irreversível. Serpa explorado todos os povoads presentes? É feito algum trabalho de retirada as espécies ou realocação das especiais antes e depois a exploração? As áreas de lavouras servirão para mineração? Essas áreas serão preservadas?

Mariana Welter - RHI Magnesita: Os efeitos da condenação mencionados pela promotoria, não atingem a Magnesita, pois a mesma não é ré dessa ação. Toda a obrigatoriedade de estudos ambientais preconizada é realizada.

Carlos Eduardo Rodrigues Souza - RHI Magnesita: São realizados programas de educação ambiental em parceria com uma empresa de consultoria, incluindo as datas principais para a discussão da temática. Quanto ao acompanhamento e monitoramento da fauna, o mesmo foi considerado no EIA/RIMA, embora reconheçam a necessidade de acompanhamento a longo prazo. Não serão explorados todos os povoads, serão considerados os critérios da área de exploração.

Adriane Rans - (plataforma Zoom): Algumas espécies de aves possuem população muito pequenas, como o Bacurau. Ao retirar toda a cobertura vegetal e achar que posteriormente a Magnesita irá retomar, é muito ingênuo. A Magnesita reconhece que este local é o único para reprodução do Bacurau? Como vocês justificam a destruição de uma área consumidora de CO2.



Pergunta escrita - (plataforma Zoom): Quais os aspectos antrópicos negativos? Formigas e abelhas são muito utilizados como indicadores de biodiversidade, porque não forma incluído? Quais os impactos que esse empreendimento irá causar?

Areta Barbosa - (plataforma Zoom): Qual a importância dessa agenda para produção da empresa?

Gustavo Bernadino Malaco - ANGÁ: Registra a falha da ausência das pessoas em relação aos questionamentos da fauna.

Rosângela Eugênio - RHI Magnesita: Relata que a empresa possui representantes capazes de responder os questionamentos quanto a fauna, entretanto eles não puderam estar presentes. O professor que apoio a empresa e que está presente não pode responder devido a conflito de interesse. Quando o órgão ambiental incluiu a entomofauna, e por ser muito vasta, ficou a critério dos pesquisadores e da equipe, quais as especiais seriam avaliadas no diagnóstico. As abelhas por serem importantes para a polinização, ela está sendo avaliada em outros estudos na região do sul de Minas.

Carlos Eduardo Rodrigues Souza - RHI Magnesita: Reitera que em Uberaba se apresenta o único empreendimento que realiza a exploração e produção da argila refratária, e inclui a importância da cadeia de produção para exportar para o México e Europa.

Adel Carneiro Leão - Médico (presencial): Destaca que a exploração da área de renovação, não necessariamente será feita na área descrita. Neste sentido, se houver a renovação da licença que a mesma seja feita na área prometida e definida. Reitera que os ambientalistas e pesquisadores devem ser considerados na lógica do interesse coletivo, em uma avaliação a longo prazo. É preciso levantar todas as variáveis e equações para solucionar os problemas.

Beneth Renicence - (plataforma Zoom): *Ausente no momento da pergunta.*

Carlos Eduardo Rodrigues Souza - RHI Magnesita: É realizado, por meio de dique, para o controle e a prevenção para que os materiais não sejam arrastados.

Thiago Elias - Watergeo solution (presencial): Destaca a importância da recomposição que a Magnesita faz após o processo. Destaca que nem todo processo há a exposição do lençol freático. Sobre as nascentes do rio claro, todos as lavras estão presentes no rio Beirabinha, e outorgado pelo órgão competente.

Adriano de Oliveira - (presente): *Ausente no momento da pergunta.*

William Lopes Silva - (presente): *Ausente no momento da pergunta.*

Victor Hugo - (plataforma Zoom): Foi citada uma RPPM, a empresa vai implantar uma floresta na região?

Pergunta escrita - (plataforma Zoom): Qual o lapso temporal dos impactos das fotos apresentadas?

Fernando de Freitas - RHI Magnesita (presencial): Como a ONG definiu e quais as áreas propostas para a desapropriação?

Thiago Elias - Watergeo solution (presencial): A empresa fará avaliação técnica após a aprovação da RPPM com o órgão ambiental, até o momento não será feito. A monocultura e os recursos dos solos vêm modificando a adaptação de alguns animais.

Rosângela Eugênio - RHI Magnesita: A medida que se tem o plantio direto, os animais estão voltando ao habitat natural. Ressalta que o professor William que faz parte da equipe está à disposição para fala.

William Lopes - Biólogo – Representante da RHI Magnesita: Destaca que o EIA apresenta uma pesquisa e diagnóstico mais detalhado, e que cumpre o Termo de Referência que foi exigido. Defende que pelo período de um ano, não é possível metodologicamente fazer um estudo prospectivo de médio prazo. Serão realizados estudos posteriores para avaliação e acompanhamento da importância dos animais presentes e dos impactos da mineração. E se houver condição de tempo será realizado uma pesquisa populacional.

Considerações finais:

Carlos Alberto Valera - Promotor de Justiça Ministério Público: Menciona a necessidade de uma avaliação mais criteriosa e minuciosa de ordem técnica. Ressalta que se o empreendedor vai atuar em área de ecossistema sensível é preciso uma avaliação criteriosa e mencionar as medidas mitigatórias e de risco. O procedimento ambiental deve sob qualquer forma de causar degradação ambiental. Embora tenha sido promovido uma discussão democrática, ainda ficou pendente dados e uma avaliação minuciosa dos impactos para o ecossistema. É importante que as questões levantadas no dia de hoje sejam respondidas e avaliadas com critério de ordem técnica.

Gustavo Bernadino Malaco - ANGÁ: Destaca que é preciso cuidado e respeito aos pesquisadores, uma vez que foi avaliado criteriosamente o estudo EIA/RIMA. De forma respeitosa, a associação Angá mencionou diversos estudos nacionais e internacionais que deveriam ter sido considerados na avaliação do estudo. O status político que impera a mineração é preciso considerar os impactos ambientais, sobretudo de extinção de espécies. Como exemplo, a espécie do Bacurau, que em momento algum foi relatado a extinção da biodiversidade.

ANEXO - TRANSCRIÇÃO AUDIÊNCIA PÚBLICA

Duração: 3:30:39

Presidente da mesa:

As normas as regras, ... ela está disposta por uma normativa que é a de número 225 de 2018 que é o que a gente está fazendo aqui.

Então os empreendedores e mesmo os requerentes, mas é nosso papel, a nossa função explicar para todos vocês o que é que a gente está fazendo aqui.

A audiência pública ele é um rito que acompanha quase todos os processos que são instruídos no estudo de impacto ambiental.

O que é isso?

Quando um processo de licenciamento ambiental entra no estado para ser analisado e se ele foi instruído com o estudo de impacto ambiental a gente abre edital para quem quiser e aí tem as regras na ADN para as pessoas que podem solicitar a audiência pública.

E neste caso aqui houveram dois solicitantes de audiência pública no momento que a gente publicou na Imprensa Oficial de Minas Gerais o certame.

Que é a Associação para a Gestão Sócio Ambiental do Triângulo Mineiro aqui representado pelo Gustavo Malaco e o Ministério Público do Estado de Minas Gerais representado aqui pelo Doutor Carlos Valério que logo terão aí a oportunidade de expor os seus motivos e passar para vocês, para a sociedade a intensão aqui desta audiência pública.

Mas em resumo a gente quer expor para a sociedade, para as pessoas que estão diretamente ou indiretamente sofrendo a influência da atividade deste empreendimento todos os impactos, todas as medidas mitigadoras, todas as dúvidas que vocês precisam sanar com relação a este empreendimento este é o momento de participar.

Então a audiência pública ela tem esta finalidade, participativa, da sociedade poder participar, de esclarecer e então é esta a nossa função aqui.

Eu estou aqui para conduzir esta audiência, explicando todas as regras, os tempos aqui para que cada um possa fazer uso da palavra e participar.

Mas a gente quer ouvir mais os solicitantes da audiência pública e o empreendedor.

Como é o formato?

Eu vou explicar aqui para vocês de forma resumida como é que vão ocorrer os tempos porque tem que estar tudo marcadinho.

A gente a primeira parte desta audiência a empresa tem 45 minutos para fazer apresentação do estudo de impacto ambiental.

Depois disso os solicitantes da audiência pública a Associação Angá vai ter 15 minutos para poder fazer a sua exposição e o Ministério Público Estadual também 15 minutos.

Depois disso a gente abre para perguntas de vocês que estão aqui presentes e do público que está em casa.

E aí como é isso, cada pessoa que fizer a sua inscrição e já vou explicar para vocês como é feita esta inscrição.

Aqui no auditório a gente está vendo estes QR colds do lado aí onde vocês sentados no auditório, com o uso do QR cold vocês conseguem fazer a inscrição.



Sem a inscrição, sem fazer a inscrição do público presente não é possível usar aqui o púlpito e fazer os questionamentos, e então esta é a ordem, porque existe um número de pessoas específico para poder participar porque senão a gente não tem fim.

Então para que isso seja possível e eu poder também chamar as pessoas numa ordem de inscrição é imprescindível que vocês então façam a inscrição seja usando o QR cold.

A gente tem o apoio aqui na entrada do auditório também de pessoas para poder ajudar na inscrição, também aqui no fundo para quem quiser fazer a inscrição pode se dirigir ali para depois eu poder chamar aqui para poder fazer o seu questionamento.

E de forma oral também e ao vivo on line pela plataforma zoom também é possível fazer o questionamento, fazer a pergunta.

Como é que faz isso?

Está lá no site tem que entrar no site MDVaudienciapublicaonline.com.br lá vai ter o questionamento pergunta oral.

Quem está aqui presente então vai ser convidado a se pronunciar no microfone.

Continuando então quem estiver on line entra no site para poder fazer esta inscrição.

Lá no momento da inscrição é perguntado o nome, CPF, e-mail, vai ser questionado se você quer fazer a pergunta ao vivo, e aí eu vou chamar esta pessoa ao vivo na plataforma ou se ela vai fazer o questionamento por escrito e aí eu vou ler o questionamento aqui para vocês.

Então esta é a forma de participação, cada pessoa terá três minutos para poder fazer o seu questionamento.

Eu vou liberar três questionamentos por bloco e depois estes três questionamentos ou perguntas a empresa vai ter seis minutos para poder responder.

Ao final os solicitantes terão cinco minutos cada para fazer as suas considerações finais e a empresa mais dez minutos.

Qual é o prazo que vocês tem, que a gente tem para poder fazer a inscrição para poder se manifestar aqui durante a audiência?

São 60 minutos e então agora às 19:13 horas eu peço para a equipe de apoio da TI liberar para inscrição para as pessoas que querem fazer os questionamentos aqui para a audiência.

Então eu dou início agora e passo a palavra para a empresa Magnesita Refratários S A para fazer sua exposição.

Eu abro o tempo aí de 45 minutos.

Magnesita:

Pessoal boa noite chamo Carlos Eduardo e sou responsável pela área ambiental e RH da Magnesita na área da mineração.

Hoje a gente vai trazer muito bem falado pela Carolina um bate papo aqui para apresentar o empreendimento inicialmente, para vocês conhecerem o que é o empreendimento e não só a Mineração Bela Vista, mas a Magnesita como um todo.

Depois vamos entrar nos estudos ambientais para todo mundo ter ciência do que foi estudado, os pontos que foram debatidos, os profissionais que participaram do estudo.

Eu peço por favor que vocês acessem o QR cold, façam perguntas, para vocês que estão em casa por favor acessem o QR cold e façam perguntas.

É um momento de dúvida pessoal, este é um momento da gente tirar todas as dúvidas do empreendimento, um empreendimento de mineração e beneficiamento de argila refratária.

Então este é o nosso momento, momento da empresa se apresentar, momento da sociedade fazer os questionamentos também para a empresa.



Então acho isso de total importância.

Então acho que inicialmente a gente precisa saber e acho que é importante levarmos para todo mundo que é a RHI Magnesita no contexto global.

A RHI Magnesita é a líder mundial de fabricação e soluções refratárias, seja material refratário, seja massa refrataria que vai beneficiar toda a indústria, indústria da siderurgia, indústria do vidro, indústria da cerâmica.

RHI e Magnesita hoje o grupo RH Magnesita é a líder mundial, é a primeira no momento neste quesito.

Pensando no contexto RHI Magnesita, quem somos, onde estamos e quantos somos.

Então aqui acho que deixa bem detalhado aqui o que a gente tem.

Temos hoje 18 plantas industriais espalhadas por diversas do mundo, mais de 12 mil colaboradores neste mundo e este número só vai que cresce graças a Deus.

Então hoje a gente tem mais de 12 mil colaboradores no mundo em todas as plantas.

Cinco principais unidades de extração em vários países, um dos países destes é o Brasil e mais de 125 mil destinos de países que recebem o material nosso, o nosso material da linha refrataria.

Então a importância da RHI Magnesita no contexto mundial na linha realmente de fabricação de refratários e toda a linha que eu vou explicar mais ou menos o que é o refratário e onde que ele entra.,

Eu acho interessante a gente deixar claro e muito bem explicado onde a gente utiliza o refratário, qual é a importância do refratário no desenvolvimento da sociedade.

Eu vou falar sociedade mesmo porque vocês vão ver a importância deste material e como que ele é utilizado.

Então quando a gente fala em uma tonelada de aço, a gente vai utilizar para a fabricação de uma tonelada de aço entre dez e quinze quilos de refratários.

Vamos falar de uma tonelada de cimento, a gente demanda aproximadamente um quilo de refratário para fazer uma tonelada de cimento.

Uma tonelada de vidro mais ou menos quatro toneladas de alumínio e cobre demanda.

Pessoal imagina a nossa vida, nossas atribuições, nosso deslocamento sem nenhum destes materiais.

Sem o aço, sem o alumínio, sem o vidro e então a importância volto a falar da questão da RHI Magnesita no desenvolvimento da sociedade.

Este aqui eu acho que é bem didático, assim, ele tenta trazer também falando também das importâncias do refratário.

Onde que ele é utilizado, vamos pensar na nossa vida prática.

Eu trouxe ali uma tonelada de aço, uma tonelada do vidro, mas vamos falar sobre a questão dos bens de consumo que a gente tem.

Quando a gente fala em carro e aqui uma caminhonete, a gente utiliza, é necessário que cada carro quando a gente faz esta correlação são 11 quilos de refratário.

Desenvolvimento, geração de energia elétrica e então a gente está falando aqui da maior hidrelétrica do mundo as Três Gargantas também como é a quantidade de refratário.

11 mil toneladas para fazer a questão do cimento, do aço que vai ser utilizado nestas hidrelétricas.

O maior prédio do mundo que infelizmente não visitei ainda, mas a quantidade de refratários utilizados para fazer também este prédio.

Trouxe para vocês no slide anterior a questão gerais no aço, no vidro, onde que a gente usa o refratário e agora a gente deu uma estreitada aqui.

Então você tem um carro, você tem um celular e se eu utilizei aço de alguma força eu precisei do refratário, ele estava lá, ele foi necessário.

Então a gente tem também que entender o contexto da importância da empresa.

Agora vamos todo mundo agora acho que já deu para entender, fazer uma relação da importância do material que a RHI Magnesita produz no Brasil e agora a gente vai dar um foco no nosso empreendimento, no nosso empreendimento de argila aqui na cidade de Uberaba.

Uma característica aqui do empreendimento.

Este empreendimento ele está aqui na cidade, no local lá Fazenda Bela Vista como a gente conhece há aproximadamente 60 anos.

Desde há 60 a gente tem esta produção, esta extração de argila refrataria que é encaminhada seja para outros e depois quando chegou a Magnesita encaminhada para fazer o seu beneficiamento.

Então hoje a gente vai tratar aqui especificamente a Camila já trouxe aqui, mas do projeto referente a renovação da nossa licença de operação.

O que é que esta licença de operação vai nos trazer?

A operação de extração da argila refratária e também o beneficiamento este é o objetivo.

Então característica do empreendimento, a gente vai trazer a questão aqui a característica, o objeto fim do processo, do projeto, dos estudos é a autorização para renovação da licença de operação da unidade da Mina Bela Vista que vai continuar extraindo argila refratária e beneficiando através do nosso processo.

Eu acho este item interessante é que todos vamos fazer uma caracterização pensando no estudo ambiental.

A gente sempre fala da área, o que é a área?

A área diretamente afetada é toda a área do empreendimento, é além da área do empreendimento.

A gente precisou estudar localidades que estavam além de nossas propriedades em si a área do entorno, a gente precisava entender como estavam as questões de fauna, de flora, recursos hídricos, sócio econômico, como é que está o contexto daquelas comunidades ali.

Então isso aqui acho que é bom entender a nossa área definida no estudo e muito bem definido pela empresa contratada.

Só que aí eu quero deixar isso bem claro também, acho que é importante a gente enfatizar o que é a mineração de argilas refratárias.

Desconstrua tudo o que você sabe de mineração.

A gente falar em mineração já vimos em jornais, vimos quem estuda mineração com relação a mineração subterrânea ou a mineração de céu aberto.

Eu fico também na Bahia, a gente tem uma mineração de céu aberto lá, mas o que é a mineração de argila refratária, o que é esta mineração, eu vou dar este detalhe.

Basicamente a gente tem exploração através de faixas que a gente vai tirar a argila refratária dali e depois que fizer esta retirada numa profundidade de até três metros a gente vem.

Só recapitulando a gente faz a retirada do solo que seria a vegetação, depois faz a retirada do mineral de argila até três metros de profundidade, e com este mesmo material do top soy que é aquele material rico da flora com sementes, questão de substrato a gente recompõe esta área e a área vai sendo restaurada aos poucos.



Esta é a mineração de argila.

Se você chegar numa área de mineração de argila, logo, vamos pensar aí uns três ou quatro anos a possibilidade de você identificar que ali foi uma área de mineração de argila.

Cheguei aqui na área e vamos ver como é que está aqui, vai ser muito difícil.

O objetivo do tipo de mineração pela necessidade também porque o nosso material está nestas primeiras camadas de até três metros e é uma questão química também porque tem esta relação com a geologia.

A geologia nos ajudou a chegar naquele material, na profundidade que é necessária e então vai ser basicamente isso que a gente vai seguir.

Eu vou passar algumas fotos aqui e a gente vai entender como é que funciona o processo.

Numeradas de um a quatro as primeiras fotos, a gente tem primeiro a retirada deste material, esta vegetação que é necessário, não tem como a gente fazer atividade de lavra sem a retirada da vegetação.

Esta parte mais rica a gente vai fazer o que, vai deposita-la do lado, armazenar literalmente e vai começar o processo de extração.

Como é que funciona o processo de extração?

O equipamento que seja uma escavadeira ou uma retroescavadeira dependendo da nossa necessidade ela vai se posicionar e vai começar a retirar naquele ponto que a nossa geologia definiu que tem uma característica boa, uma química ok, vai começara a fazer a retirada com a concha desta argila.

Esta argila vai ser depositada em um equipamento, no caminhão e vai ser transportada para a nossa unidade de beneficiamento lá em Bela Vista.

Acho bastante interessante para quem está em casa vai ter até uma visão muito boa e quem está aqui também acho que consegue ver o painel está muito próximo aqui e com certeza vocês conseguem ver para vocês entenderem a dimensão desta lavra.

Isso é importante a gente entender e conhecer.

A dimensão de profundidade desta lavra.

A gente está falando aqui e quando você olha o equipamento e uma pessoa, isso dá aproximadamente de dois metros e meio a três metros.

Esta é a profundidade da lavra de argila da RHI Magnesita.

Estamos falando da RHI Magnesita e então esta é a profundidade da lavra.

Finalizado a geologia falou através de sondagem que a argila só está até três metros, ou a 2,80 ou dois e meio, isso vai ser muito do processo e do local, é encerrado esta frente de lavra e aí a gente começa imediatamente após a exploração a recuperação ambiental.

Vocês se lembram que eu falei na primeira foto lá que a gente retira o top solo que seria aquela vegetação rasteira que tem sementes e tem todo o material lá, aquela vegetação, aquele material depositado ao lado ela vai começar a voltar e a gente vai começar a fazer o processo de recuperação ambiental.

Então a foto seis é exatamente isso, o retorno deste material.

E aí começa uma regeneração através daquele material e graças a Deus aqui é um local com uma alta biodiversidade, uma precipitação, chuvas uma boa parte do ano e eu estou falando da região da Bahia e então a gente fala em chuvas lá concentrada e um mês e meio no máximo.

E a gente está falando aqui de um processo que ajuda muito na restauração e então estas fotos aqui vieram justamente ilustrar.

Depois que fez a lavra de argila e a área está toda revegetada?

Não, não está mas neste local que a gente fez a recomposição das sementes ali que foram aquelas mesmas que a gente retirou está e no processo natural de chuva, seca, sol e tudo o mais este material volta a regenerar e a gente tem a sucessão ecológica.

Então aqui está muito bem ilustrada, figura sete, figura oito, que vai ainda tem ausência de vegetação.

Figura nove e figura dez e quando a gente vê aqui esta é uma área, acho interessante também falar que estas duas figuras aqui embaixo, a nove e a dez aproximadamente um ano e meio ou dois anos a gente já está chegando neste processo.

A partir de uma certa quantidade de anos com o processo de regeneração a gente vai chegar nesta situação.

Quando a gente este material aqui nesta altura da vegetação aproximadamente ali cinco anos ou seis anos a área já começa realmente a apresentar uma densidade, uma diversidade muito grande de vegetação no retorno.

Pessoal, eu acho que a gente fez um contexto do que é a RHI Magnesita, a gente trouxe um contexto de como ocorre a recuperação ambiental e agora a gente vai tentar caracterizar o empreendimento, onde é que ele está, quais vão ser as expansões e o que ele é.

Neste marcador quem está on line infelizmente vai ter que me seguir minha voz, neste marcador amarelo é onde a gente tem a planta de operação e os pátios de estocagem.

A gente tem vários pátios de estocagem, por isso que fica esta coloração branca aí.

Estas figuras vermelhas que são losangos, não é bem definido isso aí, mas são as áreas que a RHI Magnesita vai fazer suas operações nos próximos anos, após obvio a nossa liberação da renovação da licença.

Estas são as áreas que a gente fazer a operação.

É importante a gente frisar que os pontos onde estão localizados, quantidade e tamanho.

Quem está em casa está vendo e quem está aqui também consegue ver as áreas onde a gente vai fazer intervenções e as retiradas da argila refratária.

Quando a gente fala de mapa e uso e ocupação de solo a gente pega um recorte aqui do trabalho desenvolvido também pela Angá, muito bem desenvolvido, a gente vê destacado a mineração tem uma área ocupada quando a gente vê nesta área e neste recorte que está em boa parte das bacias do Rio Claro e do Rio Uberabinha a mineração representa uma área de uso e ocupação do solo de 0,4%.

É importante frisar 0,4% é o que a mineração representa neste recorte que a gente tem.

Quando eu falo mineração não é só RHI Magnesita porque a gente sabe que tem outra empresa de argila refratária que explora também.

E quando eu falo mineração a gente não está falando só de área que vai ser explorada, é área de direito minerário, é aquela área que a empresa requereu, mas que não vai usar, não tem intenção de imediato, é uma questão de uso desta área futura.

Então neste recorte a gente representa 0,4% da área ocupada.

Vamos falar um pouco para a gente já entrar no estudo o é que a RHI Uberaba, vamos falar de números, vamos falar do social, do que é que ela representa aqui na cidade de Uberaba.

Então a gente tem operação há mais de 60 anos já falei lá no início, desde o início da operação há mais de 60 anos.

Gera em Uberaba 295 postos de trabalho, hoje a gente gera em Uberaba e é obvio que é crescente hoje o mercado está aquecido a necessidade de cada vez mais produção de argila refratária e a gente gera hoje 295 postos de trabalho.

Beneficia diretamente 755 pessoas, a gente pegou quem está diretamente afetado ali, seja comércio locais, fornecedores.

A operação de Uberaba é fundamental, essencial, qualquer outra palavra desta forma aí para a nossa operação lá em Contagem, lá onde a gente fabrica o refratário e lá só de funcionários próprios a gente tem 2500.

Fortalecimento do mercado de trabalho, arrecadação de tributos porque isso é importante destacar e também o suporte aos comércios locais.

Vamos trazer aqui também o fluxo, é interessante também a gente entender, ah eu tiro a argila refratária e para onde é que eu vou.

Depois da retirada da argila refratária a gente leva para Ponte Alta aqui em Uberaba que vai ser sinterizado e posteriormente ou vai para as nossas operações na Cidade Industrial ou vai para exportação.

Acho interessante também destacar a matriz de sustentabilidade da RHI Magnesita baseado em questões que a empresa em todas as suas unidades no mundo.

Então vou destacar aqui porque a gente vai falar bem rápido nos projetos aqui da unidade de Uberaba a questão de economia e recirculação de água, reciclagem e a questão social.

Pensando em economia e recirculação de água centrado na matriz de sustentabilidade a gente fez instalações de projeto e este é um projeto este classificador em espiral que nos trouxe diversas melhorias tanto na redução do consumo de água, recirculação de um volume maior de água, como também na geração, na diminuição da geração do nosso rejeito que é a areia.

Então este é um ponto que a gente gosta de destacar e também está bem explicado.

A Magnesita tem uma experiência muito boa de viveiro de mudas na maioria das nossas unidades.

Então hoje a gente tem viveiro de mudas em outras unidades da mineração, esta é a foto de um dos viveiros de mudas nossos com produção estimada de 26 mil mudas por ano e em Uberaba a gente já está em execução aí com o nosso projeto que vai ser entregue até dezembro de 2022. Pensando em pessoas, pensando no social é muito bom a gente falar a questão social, como que a empresa está, o pilar lá de sustentabilidade a gente deixou muito claro.

A gente pensa em proteção ao meio ambiente, desenvolvimento de jovens e educação.

Projetos falando também rapidamente, tem diversos projetos da RHI Magnesita, mais de 25 projetos fixos que rodam em diversas unidades, tanto nas unidades daqui como também nas unidades da Bahia.

Mas vamos destacar estes quatro que estão aqui que é o Instituto Trilhar, Atendimento a 180 Crianças e Adolescentes na Escola, aulas de inglês também que a gente está passando.

Implantação do centro de reabilitação de pacientes em tratamento de câncer aqui no hospital da cidade.

Construção de biblioteca e ações sociais e doações que estão sendo executadas sempre no distrito de Ponte Alta que é onde a gente tem a nossa unidade de indústria, o beneficiamento da argila.

Pensando ainda vamos focar a questão da nossa matriz de sustentabilidade.

A empresa está em processo de criação de uma reserva particular de proteção natural, RPPN. Esta reserva já tivemos, já protocolamos no órgão ambiental no IEF, fiz questão até de destacar aqui o processo e aqui é a área desta reserva, esta RPPN com 102 hectares que equivale a 102 mil metros quadrados, um milhão e vinte mil metros quadrados e estas são as áreas de operação.

Acho que é bom destacar a área, fora a reserva legal, aqui a gente está falando de RPPN fora a nossa reserva legal que a empresa já fez o processo junto aos órgãos ambientais pertinentes no estado de Minas.

Pensando em diagnóstico ambiental vamos agora afunilar e vamos chegar nos estudos ambientais.

Fizemos a característica do empreendimento, o que é a RHI Magnesita agora vamos chegar nos estudos ambientais que subsidiaram o nosso IARIMA que será apresentado pela equipe técnica. Foram levantados, obvio que qualquer atividade humana, seja de transporte, seja qualquer atividade gera impacto e estes impactos foram levantados, possíveis impactos que já são digamos já previstos, um possível impacto que pode ocorrer e então foram levantados estes impactos ambientais na nossa matriz e este está no RIMA.

E este RIMA é material para consultar acesso o QR code, esta matriz está lá também junto com o RIMA e também aqui na nossa portaria o estudo de impacto ambiental.

É isso.

E vou chamar a minha companheira aqui a Doutora Rosângela que vai fazer a apresentação sobre a fauna e recursos hídricos referentes.

Doutora Rosângela:

Boa noite me chamo Rosângela Eugenia do Amaral Rios falando o nome todo completo.

Eu já conheço bem aqui o pessoal de Uberaba eu fui durante 27 anos assessora de ambiente da prefeitura de Araxá.

Tive o prazer de exercer esta função pública que muito me favoreceu no bom sentido de crescimento profissional, de conhecimento, de cursos e de aprender.

Eu fui a segunda turma da UFMG a fazer ecologia, entrei na universidade em 1974, em 72 foi Estocolmo e o único apavorado com a ideia de eu fazer meio ambiente foi o meu pai porque ele achou que eu ia para o meio do mato e virar hippie e haja mato para tanta gente.

Depois de aposentada e mesmo fora de Araxá eu presto consultorias e tenho aqui a parceria da Camargo Oliveira de Araxá, da Watergel, e do pessoal que faz aí da Terra Nativa e de todos os parceiros que nós fazemos estes estudos e o estudo da RHI Magnesita que nós desenvolvemos, nós já fizemos parte deste projeto há muito tempo.

Tem 12 anos que a gente está trabalhando juntos e tem também outra empresa que é parceira, que está no processo de licenciamento ambiental também.

E é com muita tranquilidade e cumprimento aqui o pessoal da mesa, na pessoa da Camila o pessoal que a compõe, que nós estamos aqui para apresentar todos os estudos que foram desenvolvidos.

Foram estudos desenvolvidos com muita seriedade, com pessoal acadêmico, pessoal da Universidade Federal de Viçosa, da Universidade de Lavras, da UFMG.

E nós tivemos a felicidade de trabalhar com este pessoal que fez realmente um estudo muito completo, ele só não chegou ao nível de pesquisa porque o objetivo do estudo de impacto ambiental é fotografar a realidade do empreendimento.

E o tempo é um tempo relativamente curto, você tem aí um ano.

A campanha de fauna nós temos duas campanhas e nós seguimos estritamente o termo de referência que o órgão ambiental exige e neste termo de referência nós fizemos o diagnóstico do meio antrópico que foi muito bem explicado pelo Carlos que é tudo aquilo que o empreendimento trás, tudo aquilo que o empreendimento contribui, a geração de emprego, renda, impactos positivos.

E com relação a recarga de recursos hídricos, nós contamos com a Watergel que tem um especialista o Tiago que está aqui conosco hoje e vai ter condições de responder todas as perguntas.

E na parte de fauna nós tivemos a coordenação de um biólogo sênior, mestre, doutor e engenheiro também e nós tivemos vários estudos que foram feitos dentro daquele tempo de fazer a fotografia, de conhecer o que é que existia na área especificamente.

A entomofauna, a entomofauna ela entrou na parte de diagnóstico de fauna como obrigatório nos estudos por causa de vetores de transmissão de doenças e no caso específico aqui de Uberaba nós tivemos um estudo que deu mais atenção aos térmitas, que são os cupins.

Porque quando nós começamos a levantar os dados históricos havia uma polemica sobre o surgimento dos povoados.

Se os povoados havia surgido por causa dos térmitas dos cupins ou se eles seriam um fator abiótico.

Então foi dada ênfase aos cupins e realmente eles detectaram um número muito grande e no final na conclusão do trabalho nós concluímos que os cupins realmente ele aproveitou ali os morrotes para ele desenvolver e ele não tem uma influência tão grande na recarga de aquíferos ou na retenção de água.

Ele é simplesmente um oportunista porque o que provoca a formação dos morrotes é a planície, a planície tem um escoamento muito lento.

Você tem um terreno que tem alumínio, que tem solubilização, que sofre um processo de lixiviação e aquilo vai fazendo os caminhos e com as intempéries você tem aquela característica própria e você tem os cupins, a grama ou toda aquela vegetação pioneira e aquilo vai formando um ciclo naquela área.

Então existe uma relação intrínseca na formação dos povoados com a ocorrência da argila aluminosa que é o bem mineral.

Aí nós tivemos os estudos refletindo sobre a herpetofauna que seriam aí os anfíbios e o répteis, foram feitas pesquisas de campo, câmaras fotográficas foram montadas, conversas, rastros e então foi feito um estudo na época da seca e um estudo na época da chuva.

Depois nós tivemos uma grata surpresa aí nos mamíferos de grande e médio porte.

Quando eles fotografaram o veado campeiro eu fui a primeira a receber.

Nós tivemos a ocorrência de onças também, tatus e raposinha do campo, quer dizer espécies que já estavam de certa forma fora do contexto, assim a gente não tinha tanto contato.

E é um fator interessante, eu acredito que vocês também como observadores da natureza, os animais estão voltando, eles estão perdendo o medo das cidades, o medo das estradas e até tem muito atropelamento e estes animais estão voltando porque nós paramos de agredi-los.

E assim onça, inclusive em fazendas em estudos que a gente tem coordenado tem visto onça mesmo, passa na armadilha, passa na armadilha fotográfica e eles conseguiram detectar espécies.

Tem espécies ameaçadas de extinção, tem espécies que estão em aspecto de vulnerabilidade, mas realmente existem e algumas até com o ciclo alternado.

As minhas filhas moravam em São Paulo e eu ficava impressionada com a quantidade de pássaros cantando e fora do horário e depois eu fiquei sabendo que é por causa das luzes que acabam mexendo com o ciclo, mas você não tem agressão.



Hoje menino não anda com bodoque mais e nem com espingarda de chumbinho e então você vê nas cidades, tucanos e então existe realmente um retorno e nós tivemos aí a grata satisfação, esta foto, a primeira foto foi feita na área, foi feita pelo Leo e foi nos encaminhada.

A ornito fauna, a ornito fauna é uma grata surpresa, porque na década de 60 quando começou o grito ambiental a Raquel Carson era uma bióloga, uma jornalista e ela publicou um livro chamado Primavera Silenciosa.

Neste livro ela descrevia que nos Estados Unidos na primavera não se ouvia mais o cantar de pássaros.

E na década de 70 quando eu estava na universidade os ovos não vingavam da aves porque ele estavam nascendo, sendo botados e a casca mole por causa de defensivos agrícolas e os defensivos agrícolas estavam coibindo a reprodução.

E vocês estão vendo aí a ema, você tem aí araras e inclusive uma espécie ameaçada aí de extinção também que é o bacurau do rabo branco.

E eu me lembro de ir na fazenda com o meu pai e com o meu marido também ambos falecidos que eram produtores rurais e eu também sou produtora rural e o pessoal fala são os curiangos. Então estas espécies elas tem voltado.

Agora o interessante de frisar aqui também e até achei que o Carlos iria falar que a atividade de lavra da Magnesita ela ocorre nos meses mais frios, na seca.

Ela é impossível de ocorrer na época de chuva e na pesquisa bibliográfica que nós fizemos e em estudos que nós lemos estas espécies elas se reproduzem de setembro a dezembro na época de chuva.

Então você não impede que estas espécies que foram citadas nos nossos estudos se reproduzam, porque na época em que a Magnesita está em atividade estes animais não estão em ciclo de reprodução e são aves migratórias.

Aí ectio fauna também, o que é que nós temos as cabeceiras dos rios e nós sabemos que os peixes sobem para poder reproduzir.

E também existem algumas espécies que estão nestas corredeiras e então a ectio fauna teve os seus representantes também.

E é importante frisar que estas áreas onde hoje ocorrem as atividades e são realmente as nascentes, como o Tiago fala são brejos, estas áreas são brejadas e são áreas que se recuperam muito depressa.

Porque depois da lavra nós temos vários cases que foram feitos inclusive com amostras de vegetação e nós tivemos a grata surpresa de ver que apesar da braquiária estar aí como invasora o que volta mesmo são realmente os capins, as capinaceas e que fazem a colonização daquele ecossistema, daquele bioma e trás com a vegetação vindo automaticamente você tem a fauna. O que nós colocamos aqui é que a área de influência do empreendimento, principalmente as áreas nativas que fazem parte do mosaico do refugio desta fauna, os biólogos que fizeram, eu sou bióloga mas eu não sou taxonomista, eles não consideram o impacto das atividades de lavras relevantes porque são impacto muito pontuais.

A partir do momento que você tem impacto pontual o bioma ele consegue se recuperar e a natureza neste ponto ela ajuda.

E a empresa quando ela volta o topo solo então ela faz com que tratando-se de impacto então não existe aí com os impactos sendo mitigados nada que possa inviabilizar o retorno.

Recursos hídricos que é um fator importante eu vou tentar resumir ao máximo que eu puder.

Não foram notados durante as fundações e as perfurações que o pessoal de recursos hídricos fez resquíscios paleontológicos de que estes murundus sejam originários do cupim.

A recarga do aquífero ela não compromete a captação de água para beber de Uberlândia.

Aliás eu fiquei até muito satisfeita de saber que até lá no Aeroporto de Confins é Uberlândia chamando as empresas porque realmente existe uma disponibilidade hídrica muito grande.

Esta recarga dos aquíferos não é afetada porque você não tem consumo de água na lavra.

Quando fica a lagoa e você volta o top solo o destino e isso aí a gente aprende, a minha neta já aprende isso lá no jardim, que todo destino de toda lagoa é virar brejo.

E o brejo de voltar a vegetação que estava anteriores.

Estes estudos eles estão bem aprofundados nos nossos estudos de impacto ambiental.

O relatório de impacto ambiental que foi disponibilizado para todos vocês e que muitas vezes ele pode ser interpretado como superficial é porque nós tivemos o cuidado como manda da legislação e o termo de referência é que a linguagem fosse uma linguagem acessível, pouco técnica para que todos pudessem entender o processo.

Então as duas grandes, os grandes que seriam vilões que seriam gerados por esta atividade eles foram bem desmistificados nestes estudos feitos com muita seriedade.

E se não fosse um estudo serio, se não fosse uma empreitada que realmente valesse a pena defender a atividade eu não estaria aqui.

Faz 30 anos, nós tivemos esta semana 30 anos da Rio 92 e a Rio 92 ela veio com a seguinte mensagem, nós precisamos de um desenvolvimento sustentável.

E eu levei na cara com o Doutor José Mendel quando eu estava no início da minha carreira querendo acabar com a mineração ele virou para mim e falou assim, a senhora enxerga pouco não é e eu falei enxergo, eu tinha lente e óculos.

Enxergo mesmo, pois é se não fosse a mineração a senhora não estaria de óculos.

Então é isso aí, eu gostaria que vocês olhassem aqui no entorno de vocês, onde vocês estão sentados, neste palco, neste microfone onde não existe um recurso de origem da mineração.

Nada, nem no caixão.

Eu não, eu vou ser cremada, então tudo de metal será tirado, mas a madeira para poder ser cremada ela vai precisar do processo minerário aí para ser aplainada, para ser trabalhada e então nós precisamos sim de desenvolver a mineração.

Esta mineração não é uma mineração irreversível e eu já consegui sobreviver a processos minerários muito mais difíceis, com cavas enormes e com lagoas de rejeito e barragens de rejeito e esta mineração é realmente uma mineração feita com consciência e com recuperação.

Nós estudamos como nós estamos há 12 anos trabalhando com as empresas, então nós tivemos a oportunidade de acompanhar o empreendimento que nós licenciamos no município de Uberaba.

Até então porque eu acredito que isso também é um histórico que não foi colocado aqui porque estes empreendimentos pelo porte e pelo impacto eles seriam licenciados no nível do município e com a resolução do Conama 01/86 ela colocou que todos os empreendimentos minerários deveriam ter IARIMA, estudo de impacto ambiental, relatório de impacto ambiental.

Por isso este processo e outros similares foram avocados pelo estado para que fosse licenciado neste nível.

A partir do momento que ele veio para o estado eles passaram a ser considerados classe três e daí a exigência de estudo de impacto ambiental e relatório de impacto ambiental.



A Fazenda Vitória, nós acompanhamos o licenciamento foi no nível municipal porque até então o Ministério Público não havia feito esta solicitação para que esta classificação fosse revista e então nós acompanhamos deste a retirada da vegetação, a retirada da argila.

E na pesquisa que nós fizemos com fotos de satélite nos surpreendeu muito de ver que estava muito rápido a recuperação.

Nós temos aqui um engenheiro florestal, mestrando que é da Universidade de Viçosa e ele inclusive fez amostras na área para ver como estava sendo esta recuperação.

Os morrotes e os povoais eles não vão ter a conformidade que tinham antes da lavra, isso vai demorar um tempo até que as intemperes façam este trabalho, mas nós vimos que a vegetação realmente ela voltou e esta vegetação voltando nós tivemos o aporte aí da fauna.

Carlos Eduardo:

A Rosângela trouxe esta questão da sucessão ecológica desta área que a gente usa até como case de sucesso então em 2016 estas imagens que vocês estão vendo aí é antes do início da operação da lavra.

2017 foi quando a gente iniciou o processo de lavra neste local então a gente tem realmente a retirada desta vegetação, deposição lateral deste top solo e início da lavra e a partir daí você vai vendo a recuperação, a sucessão ecológica que vem passando e então 2021 e 2022 como é que está o processo de recuperação ambiental desta área.

Acho que muito bem levantado por Rosângela todos os itens que a gente trouxe aqui.

É obvio que nas perguntas a gente vai conseguir detalhar qual foi recursos hídricos e da fauna muito bem explicado pela Rosângela, mas esta é a nossa entrega hoje na apresentação.

Em nome da RHI Magnesita, em nome de toda a nossa consultoria e nosso corpo técnico agradecemos aqui este espaço para a apresentação dos estudos e estamos disponíveis, após a apresentação dos requisitantes para as perguntas.

Obrigado.

Presidente da mesa:

Obrigada ao Carlos Eduardo, obrigada a Rosângela e então agora a gente passa para a segunda parte da nossa audiência pública.

Mas antes de eu passar a palavra eu queria lembrar então a todos vocês que estão presentes, a todos vocês que estão on line para que possa participar tem que fazer a sua inscrição, através do QR code ou através ali da mesa de retaguarda, para ir ali fazer a sua inscrição ou no site onde está sendo transmitida a audiência tem ali o lugarzinho para poder fazer os questionamentos.

Nós temos ainda 15 minutos para poder encerrar as inscrições e a gente está com 21 inscritos e então a gente está realmente chamando as pessoas para virem participar, é o momento.

Eu passo a palavra agora para o Doutor Carlos Alberto Valera Promotor de Justiça e também coordenador da bacia do Baixo Rio Grande para poder fazer uso da palavra por 15 minutos.

Doutor Carlos Alberto Valera:

Boa noite a todos e a todas, na pessoa da Doutora Camila Borges Alves eu cumprimento esta mesa e todas as pessoas presentes.

Por uma questão regimental eu vou usar menos tempo e vou ceder o meu tempo para o Gustavo Malaco porque as minhas considerações são mais de ordem jurídica e o Gustavo obviamente vai avançar mais sobre as considerações de ordem técnica levando em conta a formação.

Primeiro ponto que eu queria colocar e isso me parece vai ser respondido pela equipe da Supram é lembrando que a outra empresa que também explora naquelas imediações foi condenada num processo judicial a elaborar os estudos que foram delimitados no termo de referência elaborado

e aprovado em reunião do grupo de trabalho e anexos que constaram das condicionantes da licença ambiental expedida no processo administrativo 037/1990/041/2010.

Então saber se no termo de referência do EIA eventualmente estes estudos foram eventualmente solicitados.

Uma outra questão também e também me parece que a equipe técnica da Supram pode nos ajudar na resposta que esta questão já tem gerado polêmica aqui na região e porque não o órgão ambiental avançar um pouquinho nesta discussão e utilizar outros instrumentos jurídicos previstos na nossa legislação especialmente na Conama 0186, na Conama 23797 que avaliação ambiental estratégica e avaliação ambiental integrada.

Me parece que este ecossistema é um ecossistema único, um ecossistema muito sensível e nós temos que dar uma resposta adequada para estes impactos.

E aqui fazendo um parênteses todos nós sabemos da importância da mineração e não só da mineração e de todas as atividades econômicas do nosso país, ressaltando que a mineração por força de lei é reconhecida de utilidade pública, porém, porém isso não dá o direito de destruir os nossos ecossistemas sem as devidas mitigações e compensações.

Este é um ponto, então é preciso que nós possamos estudar o que de fato acontece para podermos adotar as medidas cabíveis.

Eu tenho certeza que a equipe da Supram comprometida que é vai trazer esta resposta para nós dentro do processo de licenciamento.

E aí me trouxe preocupação na fala do Carlos Eduardo porque são 60 anos de produção e eu não vi pelo menos neste EIA e nem em outras licenças que eu participei como membro da URC do Copam nenhum estudo para afirmar estas colocações no sentido de olha eu fiz a recomposição usando o top solo, mas eu posso dizer que aquela espécie migratória ou endêmica voltou.

Eu acho que é um ponto que o Gustavo eu acho que deva explorar isso profundamente e então eu acho talvez nós tenhamos um momento único agora de trazer esta discussão, que tipo de estudo, que tipo de monitoramento, que tipo de espaço protegido tenho que assegurar para que esta biodiversidade, seja ectio fauna, ave, fauna, ectiofauna, todas possam ser devidamente avaliadas.

Como eu disse eu não queria enveredar pelas questões de ordem técnica.

E tem umas outras questões também que me preocupam, eu gosto muito da temática do solo e vi que há um aprofundamento de até aproximadamente três metros segundo palavras do próprio Carlos Eduardo e aí você simplesmente vocês voltam ao top solo, ou seja, vocês não fazem a recomposição do terreno.

Então queria entender um pouquinho esta relação solo paisagem, geomorfologia, estratigrafia, como é que fica esta questão, como é que fica a recarga do aquífero enfim, queria saber um pouquinho destas questões.

Como eu disse a nossa intervenção aqui é mais voltada para estes aspectos jurídicos, chamar a atenção para esta decisão judicial que hoje mais cedo eu tive a cautela de encaminhar para o superintendente.

Agradecer penhoradamente a todos e a todas que estão aqui democraticamente discutindo as questões ambientais do nosso município.

E imediatamente sem perda de tempo passar para o Gustavo para que ele possa fazer as suas considerações de ordem técnica, muito obrigado.

Presidente da mesa:

Eu vou pedir para a equipe então colocar aí para a gente então 25 minutos por gentileza.

Então eu passo a palavra para o Gustavo Malaco da Associação para a Gestão Sócio Ambiental do Triângulo Mineiro que foi também solicitante desta audiência pública.

Gustavo:

Camila obrigado, eu vou realizar a apresentação aqui embaixo porque eu tenho que acompanhar dentro do computador.

Boa noite a todas e a todos, agradecer pela oportunidade, obrigado Doutor Valeca, boa noite Camila, representando aí a Supram pelo tempo gentil que foi disponibilizado.

Bom, primeiro apresentar o que é a organização Angá, é uma organização com sede aqui no Triângulo Mineiro e trabalha nesta questão justamente biologia da conservação, recursos hídricos e então temos uma atuação muito sólida.

Eu sou diretor de sustentabilidade desta organização e uma larga experiência aí neste trabalho da biologia da conservação e trabalho com aves dentro deste processo.

Atuamos em redes em três agendas importantes que eu vou citar aqui, água, clima e florestas e também em domínio fito geográfico como cerrado e mata atlântica.

E também estamos aí em vários colegiados ambientais de recursos hídricos, conselho de meio ambiente, conselho de política de meio ambiente de Minas Gerais, várias câmaras técnicas, comitês de bacia, conselhos consultivos igual aqui em Uberaba, mapa do Rio Uberaba, tantos comitês aqui tanto no âmbito estadual e federal aqui da nossa região, do Grande e do Paraíba. Atuando em workshops da biodiversidade em âmbito federal e reavaliação de espécies ameaçadas.

No estado com o Instituto Estadual de Florestas e desenvolvemos já há bastante tempo trabalhos nestas duas bacias hidrográficas, para dizer que a gente tem know-how, tem um trabalho sólido com informação primária em relação a biodiversidade, principalmente nestes territórios.

Um projeto muito interessante que nós fizemos workshop inclusive durante a pandemia foi um diagnóstico sócio ambiental na Bacia do Rio Uberabinha com financiamento do governo de Minas e apresentamos uma proposta com a criação de uma unidade conservação aqui em Uberaba com financiamento internacional.

Queria falar sobre este território, sobre os altos custos do Rio Claro e Uberabinha que historicamente vários naturalistas andaram no século 19 e chamamos esta região de Chapadão da Água Emendada ou Chapadão.

Tem atributos especiais, tem mananciais para abastecimento público de Uberlândia, tem todas uma importância sócio econômica que já foi colocada aqui.

Tem indústria suco alcooleira, a questão dos grãos e toda esta questão de comodite, mas também tem uma alta riqueza com o status de conservação e o governo de Minas Gerais reconheceu esta região na década ainda de 90 referindo em 2000, eu participei do workshop de 2000 como uma área de extrema importância biológica.

E tem um detalhe uma representatividade muito grande de campos limpos e sujos sem afloramento de formações ruprestes.

Em área protegida em Minas Gerais nós só temos este tipo de formação no Parque Nacional da Serra da Canastra.

Eu já falei da prioridade de conservação por conta de uma alta relevância de manutenção de aves campestres de ocorrência rara em Minas, está escrito lá numa área chamada Veredas de Uberaba dentro deste documento do governo de Minas Gerais.

Está ruim aqui um pouquinho, mas esta área 43 esta bolona onde esta região se insere.

E já naquela época já era colocado que este local, a recomendação do governo de Minas Gerais era ter recomendação científica o que nós fizemos nos últimos anos e proposta de criação de unidade de conservação que é o que a Angá propôs a prefeitura de Uberaba e ao governo de Minas Gerais.

A caracterização da flora com dados primários que nós realizamos, este tipo de formação campos limpos, campos sujos, campos de murundus, povoads, depende o que cada um tem aí como denominação, é isso que predomina nesta paisagem e eles estão associados à nascentes principalmente dentro deste processo.

Este é o campo de murundu, uma visão aérea para vocês terem uma ideia são estes morretinhos que já foi destacado aqui e tem até uma questão polêmica, a nossa impressão histórica de pesquisa é que isso aqui tem uma origem pela biogênese e não por processos como foi colocado aqui de forma física.

Tem muito mais este predomínio histórico e tem isso aqui uma época fica alagado e outra época fica seco.

Uma área prioritária para a conservação da flora também cheio de espécies de arbustos, de herbáceas com status de conservação.

Registramos mais de 200 espécies nesta região, boa parte delas são arbustos e herbáceas, capins naturais, algumas espécies ameaçadas de extinção que inclusive não foram citadas no EIA.

E recentemente no ano passado dois pesquisadores da Universidade Federal de Uberlândia escreveram numa coleta nossa uma nova espécie de herbácea *Microsiria joãodarquiana*, uma coleta em Uberlândia e outra coleta nestes campos hidro mórficos nesta região.

Ou seja uma espécie endêmica de Uberlândia e Uberaba, endêmica das bacias do Rio Claro e Uberabinha em formações de campos naturais.

E já nasceu ameaçada dentro deste artigo publicado pela área de ocupação sendo recomendada criticamente como ameaçada de extinção.

Estou colocando já todos os atributos que existem nesta região.

Os peixes temos duas espécies de lambaris e peixinhos que são famílias bem restritas a lagoas temporárias e veredas e que também são restritas apenas as bacias do Rio Uberabinha e Claro em campos hidro mórficos.

Foi esta espécie o *Melanoriforo geritai* em homenagem ao mineiro segundo o nome é Uai só desta espécies, inclusive descritas nas cabeceiras do Rio Claro, muito importante dizer isso.

Está aqui o nosso representante mineiro, uma homenagem muito mineira e o outro lambarzinho.

As aves mais de 170 espécies registradas, 18 ameaçadas de extinção sendo que 15 só vivem em campos naturais, boa parte ameaçadas em nível nacional.

Ainda tem espécies quase ameaçadas e com dados deficientes para avaliação e status de conservação e muitas migratórias.

Um mapa da bacia do Rio Uberabinha vocês notam estes pontinhos vermelhos o tanto que concentra número de registros de espécies ameaçadas justamente nestes campos hidro mórficos de Uberaba.

E aí a grande descoberta que eu fiz em 2017 esta espécie o bacurau do rabo branco que só ocorria no Brasil no Parque Nacional das Emas só vive em campos naturais, então esta espécie ela não sai do local, ela é residente, ela não vai ali e volta, ela sempre vai morar neste tipo de local.

E agora descobrimos a segunda população em Uberaba no Brasil, só tem mais três pelo mundo.



Tem uma população estimada no máximo de 2500 indivíduos.

É uma das aves noturnas, uma das aves mais raras do mundo aqui em Uberaba, a segunda população do Brasil neste local que vai ser explorado.

Aqui estão os dois locais de ocorrência, dentro das poligonais que foram colocadas e que a gente cruzou de todas as duas empresas Ibare e Magnesita, vamos colocar isso, eu sei que é Magnesita mas a gente tem que ter uma análise mais integrada, pode ser que ocorra em outros locais.

Mas são os fragmentos vocês podem notar, os maiores fragmentos de campos hidro mórficos que existem é onde tem a população da espécie.

E outras espécies ameaçadas, curiango do banhado, machado alagado, galito, tudo ameaçado.

Olha dentro da bacia onde esta espécie ocorre, só nos campos hidro mórficos.

População representativas iguais a estas de Uberaba só tem no Parque Nacional da Serra da Canastra em Minas Gerais.

Olha a importância desta área.

Tico tico de mascara negra, campos hidro mórficos, papa moscas do campo, campos hidro mórficos.

Andarilhos, pouquíssimos registros, só campos hidro mórficos e o complexo de caboclinhos, espécie de ave migratória que está indo do sul do país e vem invernar nos campos hidro mórficos, quatro espécies ameaçadas de extinção detectamos.

Todas estas fotos são da localidade, quatro caboclinhos e onde eles foram encontrados na borda dos campos hidro mórficos que há alguns anos atrás fora lavrados pela justamente a extração da empresa.

Estas espécies por exemplo, boa parte não foi citada no EIA.

Águia cinzenta outra espécie dependente de campos naturais principalmente nesta parte alta da bacia.

Limpa folha do brejo, uma espécie de mata aludosa, é a única espécie de mata ameaçada que ocorre esta região, uns capõezinhos de mata e o papa moscas canela, outra espécie migratória que ocorre no local.

Mamíferos, dez espécies ameaçadas de extinção, boa parte associadas a ambientes abertos, tamanduá bandeira, logo guará, veado campeiro e por aí vai já foi falado aqui do veado campeiro.

Onça parda, tatu canastra, tudo ocorre nesta região.

Falando agora do histórico de ocupação, na década de 60 tinha uma ligação muito forte do ambiente natural com o gado, você não tinha ainda espécies exóticas.

E aí veio aquele pacote grão, silvicultura e começou realmente a ser destruída esta região e na década de 90 intensificou o processo de extração de argila refratária neste território e depois a cana de açúcar.

Então a gente tinha majoritariamente isso, lagoas e passou a ter silvicultura, passou a ter cada vez mais silvicultura em volta dos campos naturais.

Aplainaram, arrasaram os campos hidro mórficos e o cerrado em volta, mas campo hidro mórfico desta região, mais imagens desta localidade.

Depois veio a questão dos grãos, tudo encharcado, o que aconteceu, vamos fazer drenos, dreno para tirar a água e mais impactos.

É uma acumulação de impactos e todo este cenário que a gente tinha de quase 30 mil hectares de áreas úmidas em 1964, com o passar do tempo e de todo o uso do solo hoje a gente já tem menos de 20 mil.

Perdemos um terço das áreas úmidas, seja pela agricultura ou seja pelos processos minerários.
Como eram as nascentes em 64 e como é recorte atual.

E aí esta mineração de argila refratária é isso que aconteceu inicialmente, antes da restauração que eles falaram, retiram todos estes morretes.

É uma discussão que eu quero fazer, estes morretes demoram muito tempo para recuperar.

É diferente o que acontecia antes, a configuração, as espécies a empresa tem até que responder isso, vocês tem dados as espécies que aconteciam antes e depois quais são as espécies da flora e da fauna se retornaram ou não.

As espécies ameaçadas, isso é uma pergunta, eu não vi isso no EIA, qualquer referência.

E aí todo o levantamento, é bom a gente ter um olhar geral em relação aos estágios de lavra, a Angá fez isso no Uberabinha.

E o que está em vermelho quer dizer o seguinte, é onde pode chegar mais perto da exploração mineral, isso coincide com a área mais importante para a conservação da biodiversidade e nas áreas mais importantes de nascentes por exemplo do Uberabinha.

Nem fiz a análise do Claro porque este empreendimento está mais claro aqui representado principalmente no Uberabinha.

E o cenário todo do Uberabinha e do Claro mostrando um desastre se um dia isso acontecesse.

Tudo o que está aqui em vermelho é o que pode ter uma possibilidade de ter uma lavra em algum momento, e aí no caso ter um licenciamento ambiental.

Vão falar assim, mas isso são três hectares, dez, vinte, cinquenta ou quarenta, mas nós temos que ter um olhar total e se um dia isso acontecer?

A gente não pode ter um olhar pontual, hoje eu estou tirando 30 e hoje estou tirando 40 é importante.

Então são áreas de muito alto risco tanto para a conservação de recursos hídricos e para a biodiversidade.

E aí ao longo da história as áreas de extração de argila refratária em 2014, antes, depois, em 15, antes e depois, em 17 antes e depois, e por aí vai, aí as três áreas lavradas que é a parte mais a oeste que a empresa já tem explorado há algum tempo.

Aqui mais uma inteligência, eu acho que aqui é uma área que eles concentram mais, me preocupa muito a parte leste deste território.

E aí começam os impactos cumulativos de outros cenários empreendimentos.

Incêndios recorrentes, toda esta área foi queimada em 13, em 15, todas estas áreas foram queimadas, em 17 mais áreas queimadas e teve um incêndio salvo em 19 ou 20 que também voltou a queimar bastante.

Contaminação biológica por invasão de pinus que ocorre na região em 2006, em 2016.

Em 2006 olha o tanto que virou verde.

Então eu estou querendo falar isso para vocês, gente porque é um conjunto de impactos, é a mineração, é o agronegócios, é a invasão de pinus, são os incêndios e uma das áreas mais sensíveis de abastecimento público de mananciais que a gente tem na região de uma grande cidade como é Uberaba e tem também as nascentes do Claro em alguns momentos podem também ser impactadas seja pela mineração ou outras atividades, nós estamos falando que a gente tem uma análise integrada disso aí.

Nós estamos arriscando colapsar esta região, das áreas mais importante para a conservação da biodiversidade no Brasil, este é o ponto principal.

Depois veio a cana de açúcar no processo e a poluição difusa por agrotóxicos.

E tem o cenário das mudanças climáticas, como que as modelagens apontam a questão de aumento de calor e diminuição de precipitação.

Como é que vai ficar neste território quando a gente fala em abastecimento público e sobrevivência destas espécies que estão acostumadas com o clima.

A Angá apresentou uma proposta de criação de uma unidade de conservação, um potencial no Brasil, não é atoa que Minas é considerado um dos melhores locais do mundo para acolher as pessoas.

Poucas unidades de conservação, vocês podem ver aqui no nosso nariz de Minas Gerais em comparação no estado e todo estudo tem que ter uma base teórica.

Foi o que a Angá fez baseado na lei federal, deixando claro a localização, dimensão, limites, atributos especiais, delimitou esta região do alto curso do Rio Claro e Uberabinha e protocolou na prefeitura de Uberaba e do governo de Minas Gerais, estamos aguardando algumas respostas principalmente do governo de Minas Gerais.

Todo marco legal atendido, estadual, federal e municipal porque a legislação em Uberaba o seu código de meio ambiente e o seu plano diretor falam muito clara da proteção dos povais.

Todo estudo aqui amplo que eu não vou passar com análise multi critérios para dizer que a gente teve técnica para chegar no desenho, olhando todas as áreas prioritárias que tem no local para abastecimento, biodiversidade aquática, biodiversidade, áreas protegidas, restauração ecológica, as espécies ameaçadas de extinção pelo nosso levantamento.

E depois fizemos análise de proximidade e vegetação, áreas protegidas, áreas prioritárias, risco de extinção de espécies e chegamos neste desenho vermelho para depois chegar num desenho ótimo sem entrar em um hectare do agronegócio focando justamente em campo hidro mórfico e cerrado e fazendo todas as análises neste processo chegamos por volta de 3500 hectares que seria o desenho ótimo.

Isso não quer dizer que a gente consiga chegar no ponto, mas a gente tem que dizer que estas são as áreas mais importantes para a gente conservar.

Fica na parte norte de Uberaba com duas cidades com aeroporto o que facilita o turismo.

Também tivemos a percepção dos trabalhadores locais dentro do processo e uma grande oportunidade que hoje é o parque que muita gente conhece aqui.

Proteger isso aqui trás divisas para Uberaba inclusive com reconhecimento, isso aqui no geo sitio.

E destruir isso aqui sem um planejamento, um ordenamento se a gente não discutir isso com seriedade como é que vai chegar na Unesco depois para pedir que isso aqui seja geo parque?

É muito complicado pensar que isso aqui existe neste território, esta potencialidade destes campos.

Então toda a justificativa para passar, vou falar daqui há pouquinho do EIA, região prioritária para conservação em vários aspectos, protege 100% desta população de bacurau do rabo branco em Minas, a única população.

15 espécies de aves que estão num plano de conservação de aves, proteção da população da codorna mineira que foi gravada neste local, uma espécie muito rara e restrita dentro do cerrado.

Muitas espécies da flora, da fauna, o que eu já falei, espécies descritas recentemente.

Proteção dos campos murundus da paisagem o que é uma oportunidade para o geo parte.

Proteção de campos naturais que promovem serviços ecossistêmicos dentro processo.



Desenvolvimento do turismo sustentável, já tem gente visitando Uberaba, é o melhor ponto do mundo para observar este bacurau hoje porque tem gente do mundo inteiro que procura aves.

Destruir este local é destruir o bacurau do rabo branco, é dizer não tem mais turismo aqui em Uberaba por conta disso, desta questão, a gente já pode comprovar isso.

Menor investimento em tratamento de água que está protegendo nascente.

Aporte de ICMS ecológico, proteção dos mananciais do Rio Uberabinha que é uma área de extrema importância.

E nós sugerimos a criação de uma unidade, uma categoria de refugio de vida silvestre, para não desapropriar ninguém dentro deste projeto.

Outra estratégia seria reservas particulares de reserva natural.

Fico muito feliz com a proposta da empresa só uma crítica porque não foi inserida a parte sul, não deve ser de propriedade da empresa, mas infelizmente parece que ela coincide com uma jazida geológica.

Não faz muito sentido criar uma RPPN pela metade, precisa pegar todo o contexto, senão você explora para baixo e deixa para cima e fala, eu estou protegendo isso aqui e vou explorar para baixo?

É até uma pergunta depois.

Temos outros locais para preservar na região?

Sim. Na cabeceira do Mandacari e do Jordão com ambientes semelhantes, mas é só uma outra empresa, é um outro tipo de trabalho que pode ser feito e as cabeceiras do Rio Claro e aí tem outros empreendimentos que a gente está sabendo, principalmente barramentos para irrigação, mas deixa este debate para outro dia.

Aí o nosso levantamento do Uberabinha, fizemos todo o zoneamento ambiental indicando as áreas mais importantes para a conservação de manancial e biodiversidade.

E aí dentro das propostas, constituir esta unidade de conservação, ter uma definição de proteção áreas para proteção de recursos hídricos e chegamos a uma proposta de um consórcio das águas.

Que era sentar na mesa, nós insistimos com a empresa, insistimos com o setor suco alcooleiro, mas enfrentamos um cenário que as pessoas não querem sentar na mesa, querem bater.

Será que as empresas entendem que elas podem extinguir espécies?

Prejudicar o abastecimento público de outro município?

Ao invés de sentar na mesa e tentar um zoneamento territorial com limites para atividade mineraria do que pode ser feito com medidas serias de condicionantes e de áreas que são insubstituíveis.

Parece que as pessoas não entenderam que este tipo de região ela é única, é este recado que estamos deixando aqui para a biodiversidade, não foi falado isso aqui durante a apresentação da biodiversidade, foi assim, existe este bicho e este bicho volta e não sei o que.

Gente, espere aí a Angá entregou este documento à prefeitura de Uberaba, ao governo de Minas, entregou á empresa, entregou ao setor suco alcooleiro, entregou à Fiemg e entregou a todo mundo e não é possível que a gente vai chegar e o balcão de negociação vai ser o judiciário. A gente tem maturidade para evoluir, esta audiência é um começo, uma oportunidade.

O estudo de impacto ambiental finalizando primeiro tem que lembrar que são poligonais que estão sendo colocadas e se elas estão aqui a empresa em algum momento pode requerer extração de lavras, são várias, isso aqui são milhares de hectares.

Eu sei que é um processo, é um processo que tem que fazer na Agência Nacional de Mineração mas ok foi apresentado e esta bolinha que está aqui que é justamente a jazida que está ao sul da RPPN que eles falaram e onde que está a reserva geológica de maior capacidade é esta.

Eu fiz questão de olhar isso.

E foi bom ver o desenho da RPPN depois, opa, será que eles não estão pensando no futuro explorar isso?

E aqui logico eu trouxe o desenho da Ibar, não é só a Magnesita, existem outros processos minerários e então isso tem que ser discutido de forma conjunta e aqui mudou o desenho é um desenho menor aqui, mas é isso que está no EIA RIMA, três frentes de lavras que estão no processo, aqui no desenho os campos de murundus que vão ser explorados, todos os campos com murundus dentro desta área, alguns já estão explorados por eles na mineração.

Aqui a empresa reconhece alguns estágios de conservação em trechos retirados, das aves também.

E eu queria perguntar, está citado o bicudo aqui uma espécie criticamente ameaçada, achei estranho, mas se ela existe qual a medida de proteção para esta espécie?

Está citado aqui, mas ninguém falou dela, uma das aves mais ameaçadas do mundo, está escrito aqui e não foi falado um A dentro deste estudo.

E isso que é mitigação vão fazer um eterno levantamento de aves.

Espere aí gente, precisa de resultados.

O que é que, quais são as populações existentes, a fauna está voltando com o processo de restauração?

Foi dito aqui, ah a gente não pode fazer pesquisa, espere aí, vocês estão aqui há 60 anos, vocês estão na área mais especial para a conservação do Triângulo Mineiro.

Chegou não só vocês, mas o agronegócios, a Ibar, ter responsabilidade com este território e ter responsabilidade é convidar a academia por exemplo para dar respostas para este empreendimento e as atividades que vocês devem ter ESG,

E é muito importante ter o ESG para a gente não bater nos acionistas de vocês e mandar uma carta em inglês e dizer, vocês sabem que vocês podem seguir espécies regionalmente aqui?

É importante est debate.

Eu vou passando a questão hídrica eu não vou passar porque eu não sou especialista, talvez tenha gente que pode contribuir neste processo por conta do tempo.

E os questionamentos para finalizar, eu quero ler porque é importante para marcar.

Quais são as medidas de mitigação para a supressão dos campos naturais para as espécies campestres ameaçadas de extinção dentro deste processo.

Qual a população de aves ameaçadas de extinção nacionalmente na área diretamente afetada nas poligonais?:

Tem que ver o entorno.

Opsalis cândida, o bacurau ocorre exclusivamente nas poligonais das empresas de extração de argila refratária em Uberaba, quais foram os estudos realizados para a espécie e quais são as medidas de mitigação sobre os impactos sobre a supressão dos campos naturais?

E as espécies de peixinhos que eu citei e aquelas espécies herbáceas pela literatura são restritas as bacias do Rio Uberabinha e Claro no município de Uberlândia e Uberaba, a empresa realizou estudos populacionais para estas espécies?

Quais as medidas de mitigação em relação aos impactos, não tem nada no EIA?

A empresa realizou diagnósticos em relação aos sítios de pouso daquelas espécies migratórias (não entendido)?

Questionamentos: haverá rebaixamento de lençol freático em virtude da atividade mineraria?

Quais são as técnicas de restauração utilizadas após a lavra, é respeitada a composição original dos horizontes pedogenéticos?

São realizados estudos a respeito das características originais do solo, como granulometria, densidade, porosidade, grau de saturação, impermeabilização, transmisividade, plasticidade, índices vazios compactação entre outros?

É aplicada alguma técnica de revegetação nativa, esperando assim a revegetação circundante no início do processo e a revegetação natural?

A empresa realiza monitoramento das áreas recuperadas se sim qual a metodologia?

Ocorre monitoramento da fauna ameaçada de extinção dentro destas áreas, a que retorna, dentre as que eu citei por exemplo?

A empresa tem conhecimento sobre a importância da área que atua, que minera?

A empresa compreende que algumas poligonais em virtude da importância biológica são insubstituíveis para a conservação e portanto estes territórios não poderiam ocorrer supressão de campos naturais:

A empresa possui um plano de corredores ecológicos nas poligonais?

A empresa executa algum plano de manejo da paisagem?

A empresa possui e esta já foi respondida das RPPN muito bom, mas podemos avançar mais porque um produto rural quando tem a questão da fase de lavra, como eles colocam aquele vermelho o produtor rural não pode criar porque eles tem o direito e então nem isso a gente pode avançar.

A decisão está com eles quando está num estágio mais avançado.

A empresa estaria disposta a realizar um zoneamento com indicações nas poligonais de áreas de restrição de uso para a mineração em virtude da conservação da biodiversidade?

A empresa realizou cenários em relação as mudanças climáticas e o risco de abastecimento de públicos caso haja um aumento de temperatura e diminuição da precipitação no sudeste do Brasil? Modelagem.

Para a SEMAD as atividades de exploração minerarias estão sujeitas ao direito de outorgas, se sim o comitê do Araguari avaliar estas outorgas?

Qual a posição do governo de Minas Gerais em relação a nossa proposta de colocar na mesa a unidade de conservação que contempla áreas de mineração de argila refratária protocoladas pela Angá em 2021?

Ocorrerá consulta ao departamento municipal de água e esgoto do município de Uberlândia em relação a possibilidade de impacto no fornecimento de Uberlândia por conta desta exploração? Ocorrerá análise integrada e o doutor Valeca já citou da análise da avaliação dos impactos da atividade de mineração nesse território e as recomendações finais.

Primeiro trabalhar a gestão do território e processo de licenciamento.

Criação pelo governo com anuência do Ministério Público Estadual de um grupo de trabalho para gestão integrada dos recursos hídricos e biodiversidade das nascentes do Rio Claro e Uberabinha.

Isso não é só para a mineração, isso é para o agronegócio, isso é para todas as pessoas que estão no território.

Realizar a análise integrada, o Doutor Valera já falou isso, desta atividade.



Exigir das empresas minerárias um plano de conservação em restauração da biodiversidade que contempla estratégias como criação e manutenção de corredores ecológicos, definição de áreas de restrição, ações de manejo do fogo, monitoramento de fauna e de flora de longo prazo.

Está dito monitoramento semestral, gente você não consegue analisar espécie migratória com monitoramento semestral, gente.

Isso é especial, tem que evoluir este processo.

E novamente aqui apresentar estudos populacionais sobre as espécies nacionalmente ameaçadas de extinção ou restrita as nascentes dos rios Claro e Uberabinha no município de Uberaba.

Apresentar quais são os impactos e medidas de mitigação para evitar a redução da população ou extinção de espécies ameaçadas de extinção.

Por fim solicitar a posição aí no caso da Supram do Instituto Estadual de Florestas em relação a nossa proposta porque é uma dividida, nós mostramos para o estado a importância e estamos esperamos o IEF.

O IEF vai sentar, eu vou fazer uma crítica, o governo de Minas Gerais não criou uma unidade de conservação neste governo e tem várias propostas lá.

Não é o IEF que está sentando, é o governo de Minas Gerais e é importante colocar nome aos bois e a gente precisa de ter uma resposta pelo menos de mérito, tem mérito a proposta?

É importante.

Eu não vou citar aqui a lei complementar de Uberaba, tudo que está em vermelho é a lei do plano diretor: proteção de manancial, proteção de povoal, que são patrimônios naturais do manancial do Rio Claro e do Uberabinha e povais.

Falam em criação de unidades de conservação no prazo de um ano, falam em proteção do Rio Uberabinha.

Gente eu fico feliz em Uberaba ter esta lei, e não tenho isso em Uberlândia.

Parabéns Uberaba, parabéns em ter coragem nisso aqui só que tem que implementar e aí tem todo o debate e eu não vou citar, a apresentação vai estar disponibilizada e tem toda uma legislação.

Finalizando dizer que a gente tem uma equipe técnica todos profissionais aqui emitiram anotação de responsabilidade técnica, todos os estudos que foram feitos é bom falar quem paga a nossa conta.

Eu vou dizer no finalzinho aqui , mas é bom dizer que tem uma equipe multidisciplinar neste processo que eu fico muito feliz.

E vamos começar em breve o nosso projeto onde vive o bacurau.

Finalizando dentro do processo, são esses financiadores que pagam a nossa conta, o governo de Minas Gerais, este governo pagou estes estudos, Secretaria de Meio Ambiente e organismos internacionais.

Muito obrigado, obrigado pela paciência, gente.

Presidente da mesa:

Obrigada Gustavo, então agora vamos para a terceira parte desta audiência pública.

Mais uma vez eu vou explicar a regra para vocês e dizer que as inscrições estão encerradas.

A gente ultrapassou eu deixei que fosse mais de 60 minutos até porque a gente ainda tinha possibilidade pelo número de inscritos, mas a partir de agora eu peço para a equipe da TI para que feche as inscrições.



No entanto podem, vocês podem apresentar para a gente questionamento e outras manifestações e elas não vão ser trabalhadas aqui neste momento, mas isso vai ser direcionado para a empresa, para a consultoria deles e também os nossos técnicos na superintendência terão acesso.

Então vocês podem passar e-mail para a gente no prazo de até cinco dias úteis a partir de hoje para o e-mail supram.tn@meioambiente.gov.br e a gente aguarda manifestações, questionamentos o que vier para este e-mail a gente vai repassar para a empresa e para os nossos técnicos.

E explicando a terceira parte da audiência que é manifestação dos presentes que está na lágrima 13 do Copam 225 de 2018 então serão 12 blocos de perguntas e respostas com cada bloco composto por três falas ou três questões dos presentes on line, de até três minutos cada, seguida de resposta única da empresa no tempo de seis minutos.

O que totalizaria no máximo 180 minutos deste terceiro bloco, então eu vou chamar o primeiro inscrito ele está aqui presencialmente, e chamo o Guilherme Rezende Correia que vai fazer uso da palavra.

Guilherme Rezende Correa:

Boa noite a todos sou Guilherme trabalho na Universidade Federal de Uberlândia e eu queria expor dois pontos principais.

Primeiro quando se fala em argila refratária na verdade a argila refratária é solo, você está minerando o solo e então você está retirando o solo daquela área e o solo tem todo o papel ambiental aí que vocês conhecem.

E um papel muito importante do solo nestas áreas é a questão da recarga.

Então quando você retira o solo deste ambiente você está retirando também água, não tem como dizer que não vai afetar a vazão.

Porque onde é que esta água está armazenada?

Está armazenada no solo, quando você retira uma tonelada de argila refratária que é solo você está retirando um espaço que estava sendo utilizado para armazenar água também.

E estas áreas estão a montante de veredas e etc.

E outra questão também a recuperação destas áreas ela não se dá da maneira que foi apresentada, estes ambientes, campos de murundus, em chapada são um dos ambientes mais sensíveis que temos no Brasil.

São muito sensíveis estes campos de murundus.

E é uma construção biogênica, totalmente biogênica, estes campos de murundus, quando você retira este ambiente nunca mais volta.

Talvez daqui há três ou quatro mil anos, mas num processo de resistências histórica é impossível. Então quando você afeta uma área desta ela não vai se recuperar, isso não existe, você retira dois ou três metros de solo, deixa um vazio ali, rebaixa e este processo de construção dos murundus é um processo muito longo tanto é que isso na academia teoria de erosão diferenciada já nem é tão dito, isso aí está bem comprovado.

Até uma questão pense qual é a amplitude de ocorrência deste material dipsideo, até ele está associado a este processo de biogênese destas áreas.

Então estas áreas de murundus parte dela, grande parte dela já foi destruída e o que resta é uma área muito pequena.

Se a mineração fosse em outras áreas, nas áreas que não são de campos de murundus, áreas de melhor drenagem não teria tanto impacto assim.

Mas justamente nestas áreas de campos de murundus realmente o impacto ele não é mitigado é impossível você recompor aquele ambiente, um dos ambientes mais complexos e é o mais completo que a gente tem aqui na região que tem uma importância na questão dos mananciais, tem uma importância ambiental muito grande de várias espécies que vivem exclusivamente nesta área.

Então assim o preço a se pagar por esta argila refratária é muito alto porque está no ambiente que não é possível de ser recuperado.

Você vai tirar três metros de solo e vai colocar o que no lugar?

Meio metro de solo e a fauna e a flora, e vão voltar, vão reconstruir este montículos?

Então água vai ser afetada, não tem como, se você retira onde ela é armazenada claro que ela vai ser afetada.

E segundo o processo de restauração ele não ocorre desta maneira, aqueles campos, vocês podem visitar uma área que foi afetada e uma área que não foi afetada a mais antiga que a empresa pode ter, vão ser ambientes completamente diferentes.

Presidente da mesa:

Obrigada Guilherme, a empresa fica fazendo as anotações porque eu ainda vou chamar mais duas pessoas e depois vocês farão no tempo de seis minutos a explicação de vocês.

Eu chamo o segundo inscrito é o Alberto Galon de Aguiar ele está on line então via plataforma zoom a gente precisa liberar o acesso do Alberto.

Alberto Galon de Aguiar:

Senhoras e senhores boa noite, eu agradeço a oportunidade de participar mesmo de forma on line, sou Alberto de Aguiar biólogo e coordenador de projetos na Savia Brasil que é uma organização da sociedade civil de interesse público.

Há mais de 15 anos a Savia atua no Brasil para a conservação as aves e dos ambientes naturais, da natureza.

Nós somos uma organização independente com sede aqui em São Paulo e fazemos parte da (não entendo) que está presente em mais 100 países.

A Savia Brasil como uma entidade da sociedade civil organizada gostaria de fortalecer nesta noite a apresentação da Angá.

E para isso a gente trás alguns dados, o Brasil é um dos três países com maior diversidade de aves no mundo.

Hoje reconhecemos quase duas mil espécies.

Contudo nós estamos em segundo lugar em espécies ameaçadas de extinção, segundo alguns critérios internacionais são 166 espécies no Brasil com risco de desaparecer.

A diversidade de aves ela se deve a alguns fatores, um dos principais contudo é a especialização em ambientes.

Algumas poucas aves elas são comuns em diversos ambientes, mas a grande maioria é especializada em um tipo único de habitat.

Este é o critério que permite que as aves atuem como indicador de qualidade ambiental.

Se espécies silvestres são vistas próximos a esta pauta de hoje não é porque não tenho medo, mas é porque está indicando um habitat disponível.

O cerrado é o bioma brasileiro mais ameaçado atualmente, a velocidade conversão dos ambiente naturais ela supera os da Amazônia e mesmo da mata atlântica.

Isso não é atoa, já que o bioma possui apenas 3% do seu território protegido de forma integral.

Áreas como os campos hidro mórficos da região de Uberaba são fundamentais e algumas vezes insubstituíveis para algumas espécies como bem apresentado pela Angá.

As 18 espécies de aves ameaçadas na região principalmente o bacurau de rabo branco eles são símbolos para a conservação dos campos naturais e por consequência do provimento de água por estes campos úmidos, sem o que as aves serão extintas localmente.

A Savia Brasil reconhece o desenvolvimento econômico é preciso contudo buscar soluções que permitam o desenvolvimento sustentável ou seja, utilizar os recursos a nossa disposição hoje sem impedir que as populações futuras também os tenham.

Se os materiais da mineração são indispensáveis da nossa vida assim também o são os ambientes naturais, a água e o controle da temperatura global sem falar da biodiversidade.

Em tempos de capitalismo degenerativo, negócios de impacto OSG e mudanças climáticas é preciso se avançar de forma colaborativa, a proposta da Angá então para o zoneamento desta área mitigando e compensando os efeitos negativos da mineração é necessário para que os objetivos de preservação do capital natural e também desenvolvimento econômico eles sejam atingidos.

Desta forma eu agradeço a participação e a nossa proposta é simplistamente trazer a tona o que a Angá principalmente está trazendo junto ao Ministério Público de que é preciso olhar com mais calma para esta região e se fazer um planejamento conjunto, sentar na mesa como o Gustavo Malaco bem disse para que isso seja feito.

A gente precisa de mineração, mas também precisa cuidar da biodiversidade desta região que é muito especial, obrigado.

Presidente da mesa:

Alberto obrigado pela sua participação e agora dando sequência neste primeiro bloco eu chamo Rainer Ferreira, ele está aqui presencialmente para fazer uso da palavra por três minutos.

Rainer Ferreira:

Boa noite a todos meu nome é Rainer Ferreira, eu agradeço a oportunidade de estar presente aqui, eu sou professor das Universidade Federal do Triângulo Mineiro, professor da USP, professor da UFISCAR, sou membro da (não entendido) e avaliador da CNBIO, ou seja, quem diz quais espécies são ameaçadas somos nós.

E eu venho neste momento aqui compartilhar com vocês, com a minha chegada aqui em Uberaba e trabalhando junto com instituições aqui, temos percebido um risco enorme de perda destes locais de veredas, povoads, campos de murundus.

Porque nós começamos a fazer trabalhos nestes locais e temos percebido que estes locais estão sendo altamente impactados, não só pela mineração ,mas por varias atividades.

E uma hora de trabalho o aluno Felipe que está ali atrás mestrado dele na USP nós encontramos três espécies ameaçadas de extinção nesta região em uma hora de trabalho.

E me dói ver e aqui tem vários alunos da FTM e da USP e me dói ver um estudo de impacto ambiental apresentado desta forma, porque assim como a Angá mencionou aqui onde estão os estudos científicos para trazer as anedotas, os resultados que vocês apresentaram aqui.

Que não dizem para mim, especialista nesta área absolutamente nada, absolutamente nada.

Se são alunos meus que mostram estes resultados em um trabalho de disciplina de graduação eles estão reprovados pela qualidade do estudo que foi apresentado.

E o que é que diz sobre esta realidade, por exemplo, um relatório de entomologia com mosquitos e cupins não é um relatório.

Um relatório que tem espécies de aves e não mostra a espécie ameaçada que foi encontrada não é um relatório.

Então dizer que uma amostra de três metros de solo retirada e milagrosamente plantas endêmicas vão renascer, plantas vão voltar, unicórnios vão voar é uma coisa tão mirabolante que eu peço que vocês mostrem estes resultados e publiquem na Ciências porque é um milagre o que vocês estão pesquisando.

Então o que eu venho trazer como especialista na área eu trabalho nisso há mais de dez anos, trabalho junto com a CNBIO, com a (não entendido) e é um absurdo estes dados apresentados aqui.

Obrigado pela palavra.

Presidente da mesa:

Obrigado Rainer, agora eu abro a palavra para a empresa e consultoria que no prazo de seis minutos vai apresentar as respostas a estas dúvidas, a estes questionamentos feitos por estes três inscritos.

Rosângela:

Professor Rainer, o senhor me falou que é professor da USP?

Bom a USP o senhor fala que dói e para mim dói muito mais, sem drama e sem vitimizar só para colocar um parênteses, o meu filho foi o biólogo que morreu na UEL publicando um trabalho em 2006.

Ele passou na USP e na UNICAMP e o céu ganhou um biólogo.

E eu sou bióloga, eu gostaria apenas de colocar para o senhor que nós temos um termo de referência e este termo de referência ele prevê duas campanhas de identificação da fauna e eles nos colocam o que é preciso que seja fotografado.

O termo de referência ele exige que seja feito uma campanha na época de chuva e uma campanha na época de seca.

Eu como bióloga e pesquisadora na época minha de faculdade, eu sei muito bem que duas campanhas não são significativas, elas não nos mostram a sazonalidade e nem nós temos tempo hábil para saber quais são os hábitos de reprodução, alimentares de um animal qualquer que seja.

Tem pesquisador que fica cinco anos para poder entender até a parte de reprodução de um animal.

Nós lançamos mão de profissionais muito sérios e são profissionais da Universidade Federal de Viçosa, da Universidade de Lavras, da Universidade Federal de Minas Gerais e da Universidade de Brasília para fazer este diagnóstico.

Então o diagnóstico é uma fotografia.

Então o EIA Rima eu não sei se o senhor já teve a oportunidade de coordenar, este deve ser o décimo quinto que eu coordeno e eu tenho no meu histórico vários EIAs aprovados.

E o órgão que faz a análise deste estudo ele vai me passar as condicionantes e dentro das condicionantes quando o senhor fala semestral igual o Malaco falou, há uma sugestão do técnico que seja feita pelo menos semestral.

Mas quem é que vai falar o que é que nós precisamos fazer são as condicionantes do licenciamento ambiental e as condicionantes são feitas pelo corpo técnico do órgão ambiental. Agora quando o senhor fala que são tratados superficiais eu devo colocar para o senhor que nós temos aqui a Water Geo que eu acredito que não vai dar tempo dela se manifestar que nós

temos um pesquisador inclusive com mestrado fora do Brasil que é o Tiago, que está aí e eu gostaria que o Tiago se levantasse por gentileza Tiago.

Com o quem o senhor poderá conversar a respeito das recargas.

Eu sei que o solo ele não vai voltar a ser o que era.

Agora na mineração existe uma coisa chamada rigidez rotacional e a argila refratária infelizmente ou felizmente ela está presente neste bioma, eu não tenho como sair por outros biomas procurando uma coisa que a natureza levou milhões de anos para fazer.

E ela pode levar mais milhões de anos para recompor.

Agora é um recurso natural e existe todo um processo de licenciamento e de direito minerário que foi aprovado pelo governo.

Voz 1:

Então eu acho que dá para juntar uma pergunta do Guilherme com uma pergunta do Rainer com relação a solo.

A quantidade que é retirada e depois como se dá a recomposição com top solo daquele lugar.

Carlos Eduardo:

A gente vai passar aqui para o nosso hidro geólogo que vai responder quanto a recarga.

Mas só fazendo um apêndice referente ao solo muito bem relatado pela Rosângela, pedologia a gente não volta, a gente reconforma e então restauração de pedologia do solo realmente não ocorre, mas o processo de recuperação ele ocorre.

Se ele precisa de incrementos de solo, se precisa fazer uma recomposição isso a gente vai aproveitar e tratar.

Voz 2:

Sobre a questão da recarga como o Carlos Eduardo falou no início toda atividade antrópica você vai gerar algum tipo de impacto.

Então no momento que você estiver fazendo a sua extração de lavra, você vai estar abrindo as suas lavras, você pode estar sim diminuindo a recarga, porém com a recomposição do solo você vai estar mantendo a sua topografia, você vai estar recompondo o seu material e então este é um impacto reversível do ponto de vista da mineração, principalmente este feito pela Magnesita.

Então se você pensar que mesmo você abrindo a sua cava, você tirando este solo inicial você pode estar até favorecendo a sua recarga na época de chuva porque você vai estar fazendo uma bacia de acumulação de água então você pode favorecer esta recarga.

Dentro do estudo eu acho que a gente vai trazer mais para a frente dependendo das perguntas, a gente fez algumas avaliações sobre a mensuração destes impactos e a relação deles com relação ao abastecimento do município de Uberlândia e aí dependendo das perguntas a gente pode trazer mais informações e respeitando o tempo que foi dado para a gente.

Presidente da mesa:

Apenas para trazer um esclarecimento quando a gente fala de condicionantes num processo de licenciamento Rosângela, é na fase pós licença não é?

É quando a equipe já analisou o processo e daí verifica os programas e daí sim a gente vai falar de condicionantes do processo.

Nessa fase que a gente está a gente não fala em condicionante do processo de licenciamento.

O que a gente está aqui fazendo, como eu já expliquei para vocês a gente está aqui para recolher a sugestão de vocês, as críticas, as dúvidas.



A nossa equipe de análise de processos, os nossos técnicos estão aqui presentes, estão on line a gente tem apoio da FEAM, da Fundação Estadual do Meio Ambiente e na análise deste processo e de outro também no mesmo local.

Neste momento a gente está aqui para ouvir vocês, para a empresa tirar as dúvidas de vocês para que depois a gente inicie a nossa análise, a gente já está claro analisando os estudos, mas aí a gente vai fazer uma nova vistoria na área e a gente vai fazer algumas informações, pedir para que a empresa apresente para a gente algumas informações técnicas que a gente julga pertinentes para analisar o mérito deste processo.

E por isso que é importante a participação de vocês porque muito provavelmente os nossos questionamentos vão atrelados aí as dúvida que foram expostas aqui nesta mesa.

Então condicionante a gente não fala agora é só pós licenciamento.

E eu passo agora para o próximo inscrito peço que se identifique até porque eu vi aqui que ele é preposto e funcionário da empresa e a gente tem um número de oito no máximo da empresa que podem se manifestar e a gente quer que haja uma pluralidade da manifestação.

Eu chamo Kelson Faquinelli para fazer uso oral presencialmente.

Kelson Faquinelli:

Boa noite a todos, como ela disse o meu nome é Kelson Faquinelli eu sou colaborador da RHI Magnesita e a minha pergunta não vai demorar três minutos não, ela é uma pergunta rápida para a empresa.

Quantos empregos diretos e indiretos que a empresa gera aqui na região e qual a importância da atividade para a cidade de Uberaba?

Pergunta rápida.

Presidente da mesa:

Obrigada Kelson eu passo agora para o próximo inscrito Anderson Beloto ele está on line e o questionamento é escrito e então vou fazer a pergunta aqui para vocês.

A mineração da RHI Magnesita em Uberaba é comparável as outras minas como de minério de ferro em termos de tamanho e impacto?

Então este é o questionamento do Anderson Beloto que está on line.

E aí eu passo para o terceiro deste segundo bloco que é o Marcelo Viana Portela que está aqui presencial e peço que ele também se identifique porque ele também é funcionário preposto da empresa.

Marcelo Viana Portela:

Boa noite pessoal eu sou o Marcelo e a minha pergunta para a Magnesita seria como os projeto sócio ambientais desenvolvidos pela empresa contribuem com a comunidade local?

Presidente da mesa:

Obrigada Marcelo e agora a empresa com seis minutos.

Se conseguir responder as três perguntas com seis minutos e quiser voltar em algum questionamento que queira trazer alguma complementação vocês podem usar estes seis minutos.

Carlos Eduardo:

A gente tentou trazer na apresentação aqui quantas pessoas são impactadas direto ou indiretamente pela empresa.

Quando a gente fala de funcionários pensando no complexo de Uberaba a gente tem 294, quase 300 funcionários que são impactados diretamente, que tem o seu retorno referente as operações da empresa.



A nossa matriz de sustentabilidade, eu acho que vale a pena a gente deixou lá no link e eu acho que vale a pena conhecer a RHI Magnesita com seus projetos sócio ambientais da empresa, vocês vão ver que a matriz do RG da empresa é muito forte.

E por isso que a gente mantém diversos projetos sócio ambientais porque a gente sabe que é a única forma da gente ser realmente uma empresa sustentável é a gente pensar nas pessoas.

Não existe, a empresa não pode pensar só em lucro e exploração se ela não vai nas pessoas e então é um ponto com isso.

Eu acho que vale a pena até a gente colocar o link no Youtube para vocês conhecerem os projetos sócio ambientais da empresa.

Então é importantíssimo que estes projetos existam, estes projetos existem para trazer uma sustentabilidade da palavra mesmo sustentabilidade do empreendimento.

Então tanto a RHI Magnesita Uberaba, Contagem, Brumado a gente sempre trabalha nestas questões.

Aqui eu deixo o nosso diretor explicar muito bem.

Andrey:

Boa noite a todos meu nome é Andrey e sou gestor da unidades de mineração da Magnesita aqui no Brasil inclusive Uberaba.

Acho que a gente mostrou um pouco no slide sobre o nosso processo aqui de lavra e quando a gente compara por exemplo, com mineração de ferro nós estamos falando de métodos de lavra bem diferentes.

A gente faz uma lavra que a gente chama de lavra em tira, uma lavra bem superficial, até três metros de profundidade.

Cavas de minério de ferro são lavras que a gente chama lavras a céu aberto em cava e ai estamos falando de tamanhos de cavas, diferenças de profundidades de mais de 300 metros.

Estamos falando que o nosso método de lavra ele tem é um método de desmonte mecanizado por escavadeira como foi mostrado.

O minério de ferro por exemplo, é feito o método por detonação e então quando a gente fala em impacto, o impacto nosso de ruído, de vibração praticamente não existe este impacto.

Já o minério de ferro tem estes impactos grandes.

E a questão nós trabalhamos a argila refratária um mineral industrial que tem baixas movimentações com alto valor agregado.

A gente fala aí de uma extração de 100 a 150 mil toneladas ano, quando com o minério de ferro a gente fala de milhões de toneladas mês.

Então comparando o minério de ferro são proporcionalmente bem diferentes, inclusive os impactos.

Presidente da mesa:

Agora eu passo para o próximo bloco e convido Antônio Sérgio Correa Filho que está aqui presencial para fazer uso da palavra, peço ao senhor Antônio que se identifique e está registrado aqui que você é funcionário preposto da empresa.

Antônio Sérgio Correa Filho:

Boa noite a todos os presentes, sou colaborador da empresa e gostaria de fazer uma pergunta. Vocês citam na apresentação ações de recuperação da áreas de extração e ecossistema de recuperação se faz de forma apresentada?

Presidente da mesa:

Obrigada Antônio eu passo agora ao questionamento do Celismar da Costa Melo e ele fez o questionamento por escrito e eu vou ler aqui agora.

Quais as ações previstas para conter possíveis transbordamentos das lagoas de contenção.

Quais os mecanismos de monitoramento de água, isso está previsto.

Uma vez que já foi feito vários episódios de água leitosa em função do sedimentos deste empreendimento no curso de água.

E agora eu passo para o terceiro inscrito deste bloco que é o Aristonides Fontoura de Oliveira.

Ele deixou o questionamento aqui por escrito, ele é preposto da empresa.

A atividade da empresa interfere no abastecimento de água de Uberlândia.

É este o questionamento e a gente fechou este bloco e temos as três perguntas e agora com o prazo de seis minutos a gente passa para a empresa.

Carlos Eduardo:

Vamos lá novamente, muito boas as perguntas vamos discorrer aí nestes seis minutos.

Primeiro referente a recuperação ambiental, retorno deste ecossistema.

Eu sou engenheiro agrônomo de formação, tenho especialização na parte de recuperação ambiental e a gente vem trabalhando em todas as unidades nossas nesta padronização da recuperação com o objetivo de restaurar estas áreas.

Obvio que quando a gente fala de recuperação a gente nunca vai restaurar esta área, a gente está falando de uma recuperação ambiental para aquele ambiente, para que aquele ambiente seja um ambiente volte a ser um ambiente que volte a ter a questão do pousio, a questão da recarga hídrica.

Então a gente vem trabalhando justamente para melhorar os nossos índices de recuperação, implementando indicadores e isso é muito importante e muito bem comentado pelo professor Doutor ali pedindo evidência destes indicadores.

E sim os indicadores estão sendo implementados e sim a gente precisa medir e inclusive precisa medir para saber porque a gente investe naquela questão de recuperação e a gente precisa se é necessário melhorar ou se aquela atividade de recuperação está ok.

Então assim, os indicadores existem se precisam ser melhorados, se precisam ser aperfeiçoados ou se precisam ser diminuídos, ou se precisam ser discutido e aí a gente chama, chama a academia para vir com a gente.

Lá em Brumado a UESB que é a Universidade Estadual da Bahia e o Instituto Federal da Bahia estão dentro da unidade fazendo dois programas conosco, recuperação ambiental e bio monitoramento.

Então venham, venham trabalhar com a gente e tragam esta expertise o que é que a gente pode fazer para melhorar a nossa recuperação ambiental.

A nossa restauração ambiental e eu acho que seria uma parceria muito boa, vem com a gente pesquisem e tudo o mais.

Presidente da mesa:

Nós vamos fazer assim, assim como eu expliquei a regra para eles também se aplica a todo mundo.

O que é que eu preciso, que você faça um e-mail e passa para a gente e a gente passa para a frente, porque o que você falar aí o pessoal de casa não vai ouvir e não dá certo a dinâmica e então eu peço que passa o e-mail para a gente.

Carlos Eduardo:

Uma outra pergunta. Você quer falar.

**Tiago:**

Gente me apresentando aqui fui rápido aquela vez, meu nome é Tiago, sou diretor da Water Geo, sou geólogo pela Universidade Federal de Minas Gerais, sou pós graduado em hidrologia pela Universidade Geotécnica da Catalunha e trabalhei aí junto com o pessoal no desenvolvimento dos estudos na parte de recursos hídricos do EIA.

Sobre a questão dos impactos na disponibilidade hídrica os estudos que a gente fez eles indicaram um impacto associado sim a este processo para abertura de lavra, mas um impacto pequeno, exatamente porque foi aquilo que a gente apresentou mais cedo.

Hoje este processo de extração será feito dentro deste processo em três lavras que somadas elas tem uma área total de menos de dois quilômetros, dá 1,99 quilômetros.

Só para vocês terem uma ideia, esta área corresponde a 0,23% das bacia de contribuição do ponto de captação no Rio Uberabinha para o abastecimento para a cidade de Uberlândia.

Então a valoração que a gente fez dentro deste estudo foi o impacto de dois litros por segundo, associado exatamente a exploração destas três áreas de lavra, associado a um defluxo que foi calculado de 5,81 litros por segundo por quilometro quadrado.

E quando você compara estes 12 litros por segundo, 11,6 litros por segundo para ser ais exato com a vazão de captação para o abastecimento de uma cidade para o tamanho de Uberlândia porque ali que é o sistema sucupira no Uberabinha é 2 mil litros por segundo este impacto se mostra mínimo para não se dizer irrisório.

Então quando você leva em consideração a vazão do Uberabinha porque ele te dá uma vazão de captação de dois mil litros por segundo esse impacto previsto e valorado de 12 litros por segundo ele fica menor ainda.

Então a avaliação que a gente faz com relação a atividade de lavra ou o processo de extração de lavra é que este impacto com relação ao abastecimento público de Uberlândia ele vai ser mínimo ou irrisório em relação desta variação destas vazões.

Acho bom também entendermos e aí todo mundo que não for técnico entender a pedologia, a característica do solo daquela região.

Então quando você tem uma precipitação com alto volume e aí a gente leva para aquela questão parafraseando um grande mestre, o meu grande mestre a chuva de Baldwin, você vai trazer um arrasto de segmentos para a característica do solo.

Ali vai ficar uma argila e principalmente para a ausência de vegetação em muitos pontos que ali tem.

Então assim e o primeiro ponto é que ele fala da água leitosa, a característica da gênese do solo vai fazer aquilo, choveu vai ter arrasto de sedimentos e esta característica vai chegar no leito do rio e vai fazer a decantação por causa dos coloides da argila e depois ele segue o seu curso normal.

As medidas de controle que a gente faz, obvio que os diques que a gente, os diques de recirculação de trabalho que a gente tem lá na operação da mina eles tem todos os processos de controle, desde bordas livres que são aprovadas pela AMN e vistorias que são ocorridas.

Então a gente tem as bordas livres que são mantidas de acordo com o tempo de retorno.

Então assim se a gente faz o estudo e o tempo de retorno para mil ou dez mil anos estas bordas vão ser preservadas para caso ocorra esta chuva de Baldwin, não ocorra o extravasamento destes diques.

Melhorias foram feitas no nosso processo de administração deste diques, justamente depois que a gente percebeu que alguns pontos precisavam ser melhorados, inclusive pontuado pelo AMN e pontuado também pela FEAM.

Então bordas livres, inspeções de áreas e então se você chega hoje lá na nossa operação vai ter equipe que faz inspeção de áreas e estas inspeções são apresentadas aos órgãos fiscalizadores. Apesar da não característica do dique como barragem a gente segue todos os preceitos e caracterização destes documentos.

Então borda livre, inspeção de áreas destas estruturas, tanto do barramento quanto do extravassor, são medidas de controles que a gente faz para evitar o extravasamento.

Inclusive revisão do processo de mato e drenagem da empresa e então a gente também foi entender o processo superficial de escoamento da água da empresa.

Para onde ela vai?

A gente tem este deslocamento para os diques, vai direto para os rios, vai direcionar para fazer a contenção e isso foi feito.

E isso foi feito e então hoje a gente tem este processo da macro drenagem funcionando, este processo das manutenção bordas livres e a questão das inspeções nos nossos diques.

Então hoje.

Presidente da mesa:

Obrigada Tiago, agora a gente vai para bloco e a gente tem a participação on line do Rodrigo Herbes dos Santos.

O questionamento é por escrito, como a empresa pretende evitar ou mitigar os impactos sobre a fauna considerando a relevância da região.

Próximo inscrito está on line, Cláudia Guerra e o questionamento é oral.

Então eu peço a equipe de retaguarda para verificar se a Cláudia Guerra está on line e se estiver para Cláudia você pode abrir o microfone e sua câmara para você fazer o uso da palavra por três minutos.

Ela não está on line e então eu passo a palavra agora para Marcos Aurélio Fernandes, o questionamento é por escrito e a pergunta é: a argila que a Magnesita minera em Uberaba tem algum diferencial, só existe aqui?

E a próxima pergunta para finalizar as três perguntas deste bloco é do Edmo César Silveira o questionamento é escrito.

E o questionamento é qual o trabalho ambiental está sendo feito?

Então a gente fecha este bloco e vocês eu peço para o cronometro estabelecer os seis minutos para que a empresa responda os três questionamentos.

Rosângela:

Com relação a fauna o que a empresa tem feito são medidas de proteção a vegetação que é a vegetação que ainda é preservada.

Porque se a empresa ela tira a vegetação e ela faz o top solo ela precisa também investir, igual o Malaco colocou é uma área muito susceptível a incêndios, principalmente na época da seca que é a época que a empresa está lavrando.

Então é contenção de incêndio, a educação ambiental em relação ao respeito da fauna, a proibição de pesca e de caça, que é muito difícil também de ser feita, porque existem propriedades que não são totalmente da empresa, são propriedades que são terceirizadas e o decreto de lavra ela só explora aquela área dali que está.

E neste levantamento que foi feito pela própria equipe a equipe ela colocou no período de inventário da fauna ela colocou para cada classe quais seriam as medidas que deveriam ser adequadas.

Com relação a água o que a gente percebe é que a migração ela não é interrompida, principalmente a migração com relação a reprodução porque as lagoas que são formadas elas são bombeadas de uma para a outra e então você intercepta ali e se tem a migração a migração não chega nas lagoas que são ambientes lenticos, não são ambientes lóticos.

Porque as corredeiras que foram os povoais elas são livres, apesar de ser superfície e não ter uma velocidade de escoamento muito grande que se forma, mas não são corpos parados.

Então se você deixar uma espécie de ambiente lótico ela partir, ela entrar numa lagoa que é uma ambiente lenticos que tem solido em suspensão, que tem algum tipo de comprometimento esta espécie certamente ela não vai ter as funções de reprodução que ela teria se ela tivesse correndo no local próximo.

Então são estas medidas q eu são tomadas.

E com a volta da vegetação então espera-se e já tem comprovado também através de fotos e de inventários que as espécies animais vão voltando devagar.

Agora o maior impacto na fauna que foi verificado durante todos os estudos é a própria agricultura mesmo, porque você tinha campos e hoje você tem canaviais, você tem espécies de cultura anuais que são a soja, você tem as plumas dos defensivos.

Então isso com o tempo nós acreditamos que a gente vai conseguir, como nós já conseguimos como eu citei no inicio que a fauna está voltando e o respeito, a educação ambiental em relação a ela.

Existe todo um trabalho com o funcionário nesta parte de educação ambiental, de energia circular, de sustentabilidade.

Então nós estamos caminhando e vamos conseguir alcançar.

Carlos Eduardo:

Sobre a pergunta se este tipo de argila só existe aqui.

Basicamente o nosso foco quando a gente fala de argila refratária a gente está falando a gente pode falar de um termo mais técnico que é formação de dolomita e gipsita.

O nosso foco aqui em Uberaba são argilas com altos teores de alumínio e sim estas argilas só se encontram aqui, existem outros tipos de argilas refratárias com teores menores de alumina entre outras regiões onde a gente tem também minerações, mas com estes teores específicos com o nosso foco por isso também que a nossa lavra é um pouco rasa de três metros, enquanto tem outras lavras que são mais profundas de dez metros até.

Então respondendo, sim especificamente sim ela é específica.

Trabalhos ambientais estão sendo feitos na unidade de Bela Vista em Uberaba a parte de recuperação ambiental, esta parte de restauração através da retomada do top solo, o isolamento destas áreas e o acompanhamento através de indicadores e este retorno desta vegetação, a gente tem este monitoramento e então a recuperação ambiental neste item.

Diversos programas de monitoramento também de qualidade de água, não só das influências da RHI Magnesita mas dos pontos de captação.

O único ponto de captação que ela tem no Ribeirão Guaribas mas também na área do entorno e isso foi bem abordado também no EIA.

Pensando também em programas de educação ambiental a gente está saindo agora da semana do meio ambiente, domingo agora, cinco de junho foi o dia do meio ambiente e a gente está

com uma programação intensa aí também para a área de Bela Vista que também estamos tendo educação ambiental com os colaboradores, com funcionários e stakeholders que fazem parte do complexo de Bela Vista.

A parte de monitoramento já falei e então basicamente recuperação ambiental, monitoramento, programa de educação ambiental fazem parte do plano ambiental da empresa, fora que é obrigatório e está nas condições.

Presidente da mesa:

Obrigado Carlos, agora a gente inicia outro bloco e convido o senhor Carlos Marcos Peres Andrades e ele está presencial para fazer uso da palavra, peço ao senhor Carlos que se identifique antes de fazer o seu questionamento.

Carlos Marcos Peres Andrade:

Boa noite a todos, boa noite promotor Valera, meu xará, Gustavo muito obrigado, obrigado Camila em nome da Supram e mandando o nosso abraço e obrigado também pela participação da Magnesita.

A gente deve lembrar que estamos no século 21 e gostaria muito enquanto ambientalista, o meu nome é Carlos Peres em 2004 nós criamos o Voz do Cerrado a partir da invasão da cana no perímetro urbano de Uberaba que até hoje se encontra irregular, mesmo nós temos vencido no STE, no caso do Valera por recomendação em 2015 fez a recomendação ao secretário de meio ambiente.

Então hoje mais uma vez eu faço aqui o apelo para o governo municipal para que a gente consiga através de um PSA um pagamento de serviço ambiental diminuir este impacto na questão da cana.

O Valera também disse sobre a questão de que uma empresa foi condenada, então nós temos aí um precedente gravíssimo que na minha opinião existe um passivo ambiental que está no ar e então não é só a questão desta empresa Magnesita.

Então que tipo de compensação, o que é que vai ser feito com esta condenação?

Porque nós estamos vivendo o pasto degradado a nível nacional, 100 milhões de hectares de pasto degradado e o que é que está sendo feito para recuperar este pasto degradado?

Ah nós plantamos em cima de pasto degradado.

Então nós estamos sendo estrangulado.

E quanto a sustentabilidade que modelo de sustentabilidade a gente quer mostrar para o mundo?

Eu gostaria que o Brasil fosse um exemplo de investimentos nacionais e internacionais de preservação de ecossistemas para que a gente pudesse aí na questão do geo parque igual o Gustavo colocou de termos um turismo que possa ter emprego e renda também.

Então a gente entende a questão dos empregos, mas a gente também entende que a fauna, uma ave em extinção ou uma ave que foi extinta... Eu me lembro que quando eu tinha mais ou menos oito anos eu pensei assim se o homem extinguisse uma espécie o ser humano deveria também ser extinto.

Por justiça.

Então veja só quantas vezes que a nossa espécie deveria ser extinta, porque depois de grande eu aprendi que nós já extinguímos centenas de espécies.

Então a questão aqui é muito seria, o Malaco disse que nós perdemos um terço das áreas úmidas e um dos meus questionamentos é sobre esta questão da água e que tipo de outorga que é feita, é IGAM ou qual é a quantidade de água?

A questão das pesquisas com a academia que eu acho que é importante e vocês também colocaram.

A questão do PSA o pagamento de serviços ambientais que depois de 25 anos a gente está lutando por isso e agora temos aí o marco do pagamento de serviços ambientais.

Então como é que a gente poderia estar trabalhando de forma sustentável, que investimentos que são feitos com ONGS ambientais, com as OS ambientais?

60 anos, eu estou com 59 anos ou seja, vocês estão aqui um ano antes de eu nascer e então qual é o trabalho de educação ambiental que está sendo feito?

Você bióloga citou a Raquel Carson que é uma dos ícones da primavera silenciosa então como você tem esta sensibilidade eu gostaria que a gente começasse do cinco R, repensar, reduzir, reutilizar, reciclar.

Então assim o que a gente vê, logico, todos nós usamos o minério, mas tudo bem que vocês estão trabalhando a questão da argila refratária, mas o que é que nós estamos fazendo com o meio ambiente?

A gente vai só explorar, explorar, explorar?

Então ficam estes questionamentos e agradecendo a oportunidade, porque nós ambientalistas geralmente somos triturados, a gente nunca tem espaço, a gente nunca é chamado, a gente sempre é o chato.

Só que o chato a gente falou há 20 anos atrás sobre o pagamento de serviço ambiental, porque não somos contra os produtores rurais, muito pelo contrario, nós entendemos que eles são os primeiros ambientalistas.

Só que a espécie humana está aqui no planeta há um segundo da sua formação e nós não temos o direito, que marco é este sobre os indígenas, marco temporal.

Há mil anos quando estávamos aqui o que é que estava, estamos em cima de que terra?

Terras de originários nativos que nós assassinamos, nós aqui representamos uma civilização assassina, a gente coloca estatuas de pessoas que mataram índios grávidas, crianças, animais.

Então que tipo de modelo, que compensação ambiental humana, cristã para não entender outras tendências da filosofia e da religião, o que é que estamos fazendo, nós temos direito sobre esta terra?

A Magnesita tem direito?

O Valera eu me lembro muito bem em 2004 ele pediu para que as atividades impactantes dos povoados fossem afastadas pelo menos 50 metros, agora imagina uma atividade impactante em cima de um povoal.

Muito obrigado e agradeço a todos a iniciativa e que Deus abençoe a todos, muito obrigado.

Presidente da mesa:

Obrigado Carlos, passo para o outro inscrito, a Luana Santos ela está presencial mas ela fez o seu questionamento por escrito.

Acompanhamento da situação dos fragmentos florestais na área?

Como está o efeito de borda?

Há acompanhamento mínimo anualmente da fauna?

E agora eu passo para o terceiro inscrito deste bloco é o Leonardo Silveira ele está presencial e fará uso oralmente da palavra.

Leonardo Silveira:



Boa noite a todos, meu nome é Leonardo sou servidor público federal e tenho formação em geografia e a gente trabalha aqui na cidade acompanhando os processos que impactam a vida de todo mundo.

Os rios que nascem em Uberaba abastecem uma população de mais de um milhão de pessoas, as populações de Uberaba, Uberlândia e Ituiutaba são abastecidas com rios que nascem aqui, no entanto nós não temos nenhuma unidade de conservação integral.

E como vocês viram ele não nasce em qualquer lugar, ele nasce, eles nascem e um solo muito raro que não se encontra em qualquer lugar.

Claro que qualquer atividade que é desenvolvida nestas áreas ela vão provocar um impacto, muitas vezes irreversível e claro se eu tiro um solo dali, um solo que é especial e que não se encontra em outro lugar, por isso que ele é retirado dali os impactos que eu tenho ali vão ser irreversíveis.

Eu não consigo por mais que a gente faça mitigação fazer com que esta área retome ao que era antes.

E o que é pior a gente sabe que esta formação leva milhões de anos para fazer.

Então eu tenho algumas perguntas para fazer neste sentido.

Primeiro vai se explorar todos os povoads existentes ou se vai se destinar áreas para se preservar não só para a nossa geração, mas para as gerações futuras que é a proposta da unidade de conservação.

Segunda pergunta é feito algum trabalho de afastamento desta flora e desta fauna, quer dizer o que é feito antes de fazer esta mineração, é feito algum trabalho de retirada destas espécies ou realocação de espécies.

A gente tem uma preocupação muito grande com relação a água, porque a gente sabe que no período das secas existe um controle hidrológico de liberação lenta para os rios e hoje principalmente Uberaba sofre no período da estiagem a vazão do rio cai muito.

Então o impacto é mínimo, mas isso no período das secas como isso é mensurado?

E lembrei da outra pergunta, como existem áreas que existiam povoads que foram drenadas e hoje por exemplo, são lavouras, elas servem a mineração, poderia por exemplo, poderia se trabalhar em áreas que já foram povoads mas que hoje estão drenadas e desta forma a gente poderia ter os espaços que ainda não foram afetados pela atividade humana poderiam ser conservados?

É possível fazer este tipo de mineração em áreas que hoje são lavouras por exemplo, mas que eram povoads no passado?

São estes os questionamentos que eu gostaria de ouvir uma resposta.

Presidente da mesa:

Obrigada Leonardo, agora eu passo a palavra para a empresa.

Carlos Eduardo:

Ótimas perguntas eu acho que dá até para a gente extrapolar até os seis minutos, acho que dá para a gente começar sobre a questão.

Voz 4:

Carlos perguntou sobre os efeitos de uma condenação, se eu entendi bem foi a CP proposta pelo Doutor Valera eu realmente os efeitos da condenação não atingem a Magnesita porque nós não somos réus na ação, é uma outra empresa.



Mas pelo que eu conheço da ação, acho que o Doutor Valera pode explicar um pouco melhor a ação trata da necessidade de obrigatoriedade de apresentação dos estudos de impacto ambiental que se aplicam também no nosso caso.

E aí se há outros pedidos na ação eu não saberia explicar realmente.

Ele pergunta também sobre implantação de programas de pagamento por serviços ambientais não é algo que está previsto realmente no nosso estado, a gente sabe que tem uma regulamentação federal recente, mas eu acho que é um tipo de iniciativa que depende tanto do setor privado, setor público, das pessoas, comunidades também terem interesse em participar. É algo que pode ser avaliado e aí eu acho que talvez você possa falar um pouco sobre programas de educação ambiental.

Carlos Eduardo:

Sobre educação ambiental falei um pouco na pergunta anterior, temos programas de educação ambiental, que inclusive uma parte fez parte ali do EIA tanto com colaboradores quanto com stakeholders aqui, aquelas pessoas que estão diretamente envolvidas.

A gente tenta trabalhar em três grandes frentes, a parte do meio ambiente, a parte quando a gente fala na comemoração do dia da árvore e lá em março quando a gente trata especificamente muito importante aqui da região da água.

Então a gente tenta focar nestes três programas aí, temos empresas aqui que trabalham diretamente de consultoria que trabalham em todas as unidades da mineração para atuar na questão de educação ambiental, nestas datas magnas.

E obvio que diariamente diálogos de segurança a nossa equipe de segurança atua diretamente nas unidades com palestras que a gente costuma empresa fazer e DDS e então além das datas maiores a gente tenta sempre estar intervindo falando da educação ambiental, conscientizando o colaborador porque isso é muito importante.

Temos uma outorga autorizada pelo IGAM a 285 de 2020 que dá autorização a Magnesita autorização para captar 15 litros por segundo.

Este volume é muito menor captado porque eu demonstrei na minha apresentação aquele projeto que a gente instalou de recirculação do rejeito lá que diminui a captação de água nova, recircula um volume bem maior e então a gente está recirculando aí só neste processo aumentou em quase 90% de recirculação de água no nosso processo.

Então isso é um ganho com um investimento da empresa agora entre 2020 e 2021 que é justamente cada vez mais reduzindo a captação de água nova.

Acompanhamento de monitoramentos de fauna não.

O levantamento de fauna que a gente tem vamos pensar que a nossa licença tem um tempo muito grande ai para esta renovação e então a gente não tem um acompanhamento de fauna, diretamente a gente tratou deste acompanhamento de fauna no estudo do EIA RIMA.

Obvio que a gente entende a necessidade, sabe que é necessário aprofundar estes estudos, estes acompanhamentos, estes estudos anuais, seca, cheia e como a Rosa bem disse em muito mais do que um ano.

Em um ano de estudo do EIA Rima a gente não consegue ter estes dados consolidados e até então não tínhamos acompanhamento de fala e então com certeza este é um processo que a gente vai seguir melhorando após a renovação.

Áreas florestais sim, até pela equipe que a gente faz a recuperação ambiental e validada por mim pela formação da agronomia e então a gente faz o acompanhamento e uma quantificação destas recuperações ambientais pensando na parte de flora. Então isso acontece.

Da borda depende, aí a gente tenta sempre trabalhar nestas bordas que tem mais interface com a questão da mineração ali em com as áreas de terceiros, mas fazemos também.

Serão explorados todos os povoais? Não.

Eu consegui demonstrar aqui que as nossas áreas de interferência somando tudo dos próximos anos gira em torno de 35 hectares ali.

Obvio e a Rosa já trouxe muito bem a questão do critério locacional, então existem pontos que por ter a presença do mineral, da argila que tem o povoal são áreas que estão em processo de licenciamento sim.

Mas serão explorados não até pelo tamanho da nossa área.

A nossa área de exploração é ínfima quando você compara com o entorno ali, eu não vou comparar com o que já existe, mas sim com o que será explorado no futuro e que a empresa está solicitando a sua licença de operação.

De onde foi drenado.

Andrey:

Basicamente quem direciona as áreas onde nós vamos lavrar são as pesquisas geológicas que nós fazemos, por exemplo, então a gente teve lavra em área de pastagem e então não necessariamente em áreas de povoais.

Temos nestes avanços salvo engano áreas que já foram feitas sim agricultura no passado então a relação, acho que a ultima pergunta que fez a pergunta se dá ou não dá para aproveitar isso vai depender da especificação da argila que está ali no subsolo que é o trabalho que a geologia faz.

A gente faz basicamente são furos de trato que a gente faz mais ou menos uma pesquisa de seis metros de profundidade e ali é coletado a amostra e onde a gente faz todo o modelamento geológico e então dependendo da área sim isso é possível, sem problema nenhum.

Presidente da mesa:

Então agora a gente entra no outro bloco e a próxima inscrita é a Adriane Hans ela está on line, mas ela fez o seu questionamento por escrito.

Algumas espécies de aves que estão neste local possuem populações muito pequenas, como o bacurau do rabo branco, é uma espécie que precisa de um mosaico ambiental para sobreviver, principalmente campo cerrado com cupinzeiros.

Ao retirar toda a cobertura vegetal entulhar o solo ao lado e depois realocar e achar que isso vai gerar um ambiente similar ao anterior é minimamente ingênuo ou leviano.

Ao mesmo tempo achar que a fauna ficará aguardando pacientemente o processo é extremamente arriscado.

Perguntas: A RHI Magnesita tem ciência que este local representa a única porção fora de uma unidade de conservação em que este bicho ocorre?

2 – Em duas campanhas vocês identificaram uma área extremamente biodiversa, e em época de divulgação do relatório do grupo 3 do IPCC que sugere recuperação de áreas de cerrado como principal medida de controle das mudanças climáticas, como vocês justificam destruir uma área de importância biológica que é um sumidouro de CO2?

Próximo inscrito, Gabriele Andrey da Silva ela está on line e fez o questionamento também por escrito.

Quais os impactos antrópicos negativos?



Faltou abordar este tópico também, formigas e abelhas são dois grupos muito utilizados como bioindicadores, um dos mais utilizados, qual é a justificativa de não inclusão destes grupos no trabalho?

Muito complicado ouvir este tipo de fala sobre retorno de animais naquele local, varias populações errôneas sobre fauna, várias pontuações errôneas sobre fauna e habitat.

Não falando sobre os impactos que realmente a implantação deste empreendimento irá causar.

Quais os impactos que este empreendimento irá causar?

A próxima pergunta é de Areta Barbosa on line e deixou o questionamento por escrito.

Qual a importância desta argila para a operação da empresa?

Gustavo:

Eu queria ouvir outros biólogos além da Rosângela, que a gente contratou para estes estudos, tem ornitólogo, tem (não entendido), tem questões que são relacionadas se tiver o ornitólogo responsável pelos estudos é importante igual o médico, você consulta o especialista.

Eu só queria trazer a recomendação se estes profissionais estão aí que realizaram o estudo.

Carlos Eduardo:

Olha Gustavo eu acho que hoje a gente tem o pessoal da fauna e hidrogeológica, mas a parte de fauna vai ser a Rosângela que vai seguir nas respostas.

Rosângela:

Gustavo:

Desculpa, mas eu acho que o ponto que a gente mais debateu, sensível a empresa não trouxe os seus especialistas para o processo, queria registrar tão falho o sistema por parte da empresa não trazer estas pessoas igual vocês trouxeram especialistas de recursos hídricos, igual vocês trouxeram com a flora, agora com a fauna uma área tão importante, tantos questionamentos e eu não tenho estes profissionais para responder nesta audiência.

Eu só queria manifestar a minha indignação e um desrespeito com esta questão.

Adriana (não entendido) é a maior pesquisadora com esta espécie e que falou aqui inclusive, porque foi ela que descobriu esta espécie no Parque Nacional das Emas.

Rosângela:

Nós temos os especialistas e alguns são professores e que não tiveram condição de estar aqui hoje.

Temos só o coordenador e ele tem um impedimento porque ele assumiu um compromisso profissional e ele está aqui mas ele não pode manifestar, ele pode responder todas as perguntas que vocês fizerem por escrito.

Ele assumiu um compromisso profissional depois deste trabalho e como representante de uma empresa ele não pode se manifestar.

Agora em relação ao bacurau existe registro desta espécie no Paraguai, eu acredito que vocês devem ter estes dados também.

E em algumas áreas como no Parque das Emas e aqui.

Agora se vocês querem um especialista nesta área por favor façam os questionamentos que vocês querem por escrito e nós encaminharemos todos para vocês.

Carlos Eduardo:

A próxima aqui vamos justificar impactos na área acho de grande importância e a mitigação.

A gente já falou aqui algumas vezes na apresentação a justificativa de todas as medidas mitigadoras deste tipo de lavra deste tipo de mineral que é encontrado somente aqui.

Então esta é a justificativa, a empresa não está ali porque é mais próximo ou ela acha mais bonito, a justificativa é o critério locacional de presença deste tipo de mineral.

E as mitigações são feitas desde o processo de contenção, construção de diques, monitoramento, as mitigações são feitas, se aqui estamos discutimos se vai ser necessário deixar mais robusto, ok, este debate serve para isso.

Mas as mitigações são feitas de acordo, avaliadas tecnicamente por nosso corpo técnico que são suficientes para mitigar os impactos ali gerados pela instalação do nosso empreendimento e operação da nossa extração.

Este aqui eu posso iniciar e se o Andrey quiser complementar.

A gente deixou muito claro aqui o processo de fabricação de refratário e a importância deste mineral, da extração daqui da argila refratária na fabricação destes refratários.

Eu deixei, a gente colocou isso na apresentação e todos os itens que são necessários e que precisam do refratário para serem feitos, seja o aço, seja o vidro, e então se eu não tenho esta exploração, se eu não tenho a confecção deste refratário com aluminoso eu não consigo fazer a produção deste tipo de mineral.

Andrey:

Só para complementar sobre esta pergunta aqui em Uberaba é a única operação da Magnesita no mundo desta argila refratária com alto teor de alumina.

Algo que poderia ser similar ou substituir a gente tem bauxitas refratárias na China, aonde outros concorrentes, outras empresas produzem e até exportam.

Inclusive a importância desta mineração para a gente dá-se devido até com o projeto de exportação que a gente iniciou este ano.

Então esta argila depois de passar pela queima e sinterização pelo forno rotativo de Ponte Alta ela é exportada para as nossas plantas de refratários no México, Europa e temos um projeto ainda de exportar inclusive para a China.

Então é de extrema importância para a produção dos nossos refratários e pela cadeia como um todo como o Carlos Eduardo já havia apresentado.

Presidente da mesa:

Eu acho que faltou a resposta relacionada a justificativa não relacionada a inclusão destes grupos de trabalho que seriam formigas e abelhas.

E quais os impactos que este empreendimento irá causar?

Rosângela:

Quando o órgão ambiental ele introduziu entomofauna ele não especificou a qual grupo deveria se ater ou qual grupo deveria ser mais evidenciado.

A entomofauna é muito vasta, em duas campanhas a gente não teria condições, nem em dois anos, nem em três ou quatro anos e ficou a critério dos pesquisadores e da própria equipe de definir qual teria importância para este empreendimento específico.

Como é um empreendimento na área rural e que não existem nenhuma ocorrência de alguns vetores transmissores de algumas endemias ou de doenças e como as térmitas estão presentes nos povoados foi dada uma atenção especial para eles.

Agora quando fala em abelha é meio complicado porque abelha você tem só espécies nacionais que são as Jatai que são aquelas abelhas que não tem ferrão.

A outra abelha é europeia que fugiu do cativeiro e virou a abelha que todo mundo conhece.

Depois ainda acabou vindo as africanas que fugiram também e se mistificaram.

Como a abelha ela é fundamental na polinização nós temos por exemplo, um estudo de impacto ambiental que foi realizado na Supram do sul de Mina nos canaviais onde eles pediram que desse ênfase a ocorrência de abelhas, porque o pessoal colocava realmente colmeias para ajudar na polinização.

E neste caso em específico não houve nenhuma sugestão nem do órgão ambiental ou só se pedir como informação complementar e então este grupo não foi abordado neste estudo.

Carlos Eduardo:

Só finalizando este ponto e muito bem explicado Rosângela e que não nos limitados e assim que vier a necessidade e deixo bem claro até que uma unidade nossa a gente monitora leptoporos há cinco anos.

Então o tempo que se precisa até para a gente entender a caracterização destes animais, como que eles estão se comportando.

Então vem se caminhando com eles também.

E por ultimo vem a questão dos impactos então a gente trouxe na apresentação os impactos ambientais que podem ser gerados durante a operação da lavra, operação não só da lavra, mas de todo o processo ali de lavra e beneficiamento, alteração na qualidade do ar, influência na questão da fauna e flora.

Então todos estes impactos foram mapeados e aí desenvolvemos uma matriz de qual são as medidas de mitigação para estes impactos ambientais.

Então estão muito bem mapeados, descritos inclusive no RIMA que está até hoje disponível para a gente consultar.

Presidente da mesa:

Agora eu passo para o próximo bloco a inscrita é Gilmar Aparecida da Silva ela deixou aqui o questionamento para a gente.

Foi informado que o solo superficial com a vegetação é armazenado para posteriormente ser recolocado para recuperar a área.

Como vocês fazem o controle deste solo para evitar que ele seja carregado para os corpos hídricos, quais os controles vocês possuem disso?

Eu passo para o próximo inscrito, está presencialmente Adelmo Carneiro Leão que fará em três minutos o seu questionamento.

Adelmo Carneiro Leão:

Boa noite, eu sou Adelmo Carneiro Leão sou formado em medicina, tenho pós graduação na Universidade de São Paulo, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto e mestrado em doutorado e ciências na área de (não entendido).

Eu não sou da área, conheço pouco, mas eu quero utilizar aqui emprestado uma fala do Guimarães Rosa que fala da vida quase nada sei, mas muito dela desconfio.

Menos sei a questão da mineração mas mais desconfio dela porque da forma que ela é feita neste país.

Então quero começar dizendo que a renovação que está se pedindo de licenciamento na renovação é de uma área maior do que aquela que o Carlos disse que vai lavrar neste tempo.

Está não é a questão o que é que se pode dizer o que você vai fazer ou deixar de fazer, o estado e esta é uma questão de estado não é de governo.

O governo vai durar meses ou alguns anos, e esta questão dura muito mais do que governo e então é estado, são as instituições do estado, o IEF, as SUPRAMAS, os órgãos do estado, a assembleia de Minas, câmara, ministério público.

E aqui tem um apelo que é feito para vocês, uma proposta de parceria, de interação de órgãos que entendem de meio ambiente, de questão ambiental para que sejam parceiros neste processo, para que possam acompanhar.

Nós não podemos tratar as questões ambientais e os ambientalistas como parias de todos estes processos.

Eles são muito importantes na defesa do interesse neste país e que tem uma dimensão muito mais do que o nosso tempo.

Nós não podemos tratar o ministério público como um óbice que é necessário numa questão que é importante, mas ela é importante na logica do interesse coletivo que transcende as nossas gerações inclusive, ela não é só para agora, ela é para muito tempo.

Então eu quero propor que os órgãos do estado ao definir a renovação da licença, eu acredito que isso deve acontecer, mas deve acontecer na medida daquilo que está proposto, daquilo que está prometido, daquilo que o Carlos disse que vai ser a área que vai ser lavrada e não a área mais abrangente porque nós não podemos confiar que no futuro e nem serão vocês que estarão lá o que vai ser feito de uma área maior que tem comprometimento serio.

Eu posso dizer por exemplo, que a retirada de um componente da terra que tem uma característica de drenagem, totalmente diferente quando você vai repor.

Então toda esta questão que foi discutida aqui ela merece aprofundar mais nas questões que estão colocadas.

E eu termino dizendo que eu aprendi na escola, mas a gente aprende mais na prática que quando a gente está frente a um problema nós temos que levantar todas as variáveis, todas as interrogações para responder o problema.

Resolução equação integral, resolvida através das diferenciais como trouxe a resposta da equação é erro absoluto.

Uma equação diferencial integral composta parcialmente das variáveis que interferem nela mesmo que seja 100% o acerto da equação o erro é grave.

E o erro da mineração que se faz neste país, além de morte que estamos assistindo, além de alterações graves, doenças que estão ocorrendo aqui fruto da ação que nós fazemos.

Às vezes e para terminar, às vezes a variação de uma planta, de um animal pode mudar totalmente o sistema, a logica do sistema.

E eu dou um exemplo para vocês aqui de Uberaba para terminar, a plantação de florestas que aconteceu aqui em Uberaba a principio prendia as serpentes e levava para o Instituto Butantã. Aí eles perceberam que a floresta estava morrendo porque lá tinha um roedor que destruía as plantas.

Vocês imaginam podem ser um bichinho pequeno, mas destrói uma planta que nós ao interferirmos podemos estamos alterando de maneira muito séria, podemos estar despertando uma doença muito grave.

E é surpreendente porque a gente vê aqui por exemplo, estamos fazendo perguntas, eu não sou da área, mas vários companheiros nossos, trabalhadores da Magnesita vieram fazer perguntas aqui.

Quando eles veem para fazer perguntas aqui nós temos que perguntar também, mas porque é que este pessoal está com dúvida ainda se estão lá dentro da empresa.

Imaginem se estão com dúvidas nós temos que aprofundar o problema para dar a resposta necessária daquilo eu a Magnesita, a lavra, a extração seja um processo importante inerente ao

processo de desenvolvimento, mas ela tem que ser integrada ao processo de futuro que garanta a vida, a sustentabilidade e este país para as próximas gerações. Obrigado.

Presidente da mesa:

Obrigado senhor Adelmo, está on line e a inscrita é Beneth Renesey, tinha colocado aqui que faria a pergunta por escrito, mas acabou não deixando o questionamento.

Então eu pergunto para o pessoal da TI se esta pessoa está presente para que possa falar para a gente aqui ao vivo.

Saiu e então vamos para o próximo, Vanessa Vaz de Oliveira ela deixou o questionamento aqui por escrito.

E a pergunta é a seguinte, gostaria de saber como a lavra da argila impacta na recarga hídrica, visto que é sabido que as áreas de povoal são áreas tanto de nascente quanto de recarga hídrica? Ademais gostaria de saber se há intenção de curto prazo da Magnesita em iniciar a atividade de lavra nas nascentes do Rio Claro e do Rio Uberaba, nas quais existem poligonais de concessão de lavra ativa e são áreas de manancial de abastecimento público de Uberaba.

Carlos Eduardo:

A primeira é como é feito o controle deste solo que a gente armazena para fazer parte, faz parte da recuperação ambiental.

Muito bem destacado e a Rosa também já trouxe isso que a gente faz a lavra em período seco então este material é retirado e depositado tecnicamente falando como se fossem diques para que este material caso ocorra uma chuva mesmo em período que não é propício ele não seja arrastado e a gente perca.

Porque além de ter o controle ambiental deste material não ser arrastado para questões de corpos hídricos, drenagem que seja também tem a questão da gente perder este material que é importantíssimo, riquíssimo para a gente fazer a recuperação ambiental.

Então este é o controle, este é o ponto.

Só queria fazer um adendo ante de passar para a próxima, senhor Adelmo, muito bom, agradeço pelas palavras eu acho que a gente precisa realmente construir juntos, a mineração neste contexto ambiental sustentável, sentar com os órgãos e ver realmente como é que a empresa pode contribuir nas questões ambientais e aumentar nesta contribuições.

A gente já tem isso muito bem desenvolvido, a gente tem parcerias com outras unidades com algumas universidades, alguns trabalhos inclusive publicados lá na UESB e no Instituto Federal da Bahia sobre estas questões de fauna e flora.

Então acho que é importantíssimo, a gente busca isso mesmo em todas as unidades e então aqui é uma oportunidade da gente se apresentar e abrir as portas mesmo, vamos a gente aqui trabalhar junto com a academia.

A ultima eu acho que fala da recarga, não é isso?

Então primeiro como a lavra impacta.

Tiago:

Dando continuidade na minha fala anterior, tanto a gente da consultoria como a própria Magnesita a gente entende que durante o processo de lavra, o processo de extração você vai ter um impacto relacionado ali na taxa de recarga, principalmente pela abertura da lavra e a exposição do lençol freático.

Então você pode ter uma fração de evaporação e você pode diminuir esta infiltração, mas eu acho que um ponto importante é a recomposição que a Magnesita faz após este processo.

Primeiro voltar um passo atrás, que nem toda a lavra da Magnesita você atinge o lençol freático e então nem sempre a gente está trabalhando na zona saturada do aquífero, muita parte de lavra você está trabalhando na zona não saturada.

Então você não teria impacto direto sobre a recarga.

E sobre a exposição do lençol freático quando você faz a recomposição do terreno, quando você faz o nivelamento do terreno então acaba que você vai dizer, você tem uma reversão deste impacto, então você acaba voltando a uma situação de não exposição deste nível de água o que você volta a condição anterior de taxa de recarga.

Sobre a questão do Rio Claro, sobre as nascentes do Rio Claro e sobre este processo de renovação da licença todas as lavras elas estão localizadas na bacia do Rio Uberabinha, o que você tem no Rio Claro são apenas a captação da outorga que a RHI Magnesita já tem no Rio Claro está devidamente outorgada pelo órgão ambiental competente.

Presidente da mesa:

Agora a gente passa para o próximo bloco, chamo o senhor Adriano Oliveira da Silva que está presente para que faça seu questionamento.

Não está presente. William Lopes Silva. Também não. Fabiano Lopes dos Santos, questionamento por escrito.

O seguinte, os animais estão perdendo o medo do homem e estamos acabando com seu habitat natural.

A monocultura e o uso indevido do solo não estariam expulsando os animais, este é o questionamento?

Próximo questionamento é do Vitor Hugo Almeida Jale, está por escrito.

Foi citado na apresentação a criação de uma RPPM pelo que entendi a empresa vai plantar uma floresta na região?

Lucas Araújo Batista, deixou seu questionamento.

Qual lapso temporal da recuperação da área nas fotos apresentadas?

São estes os três questionamentos.

Eu vou fazer mais um questionamento aqui porque ai a gente fecha o bloco porque senão.

Fernando de Freitas preposto ou funcionário da empresa.

Como a ONG definiu a área para criação da unidade de conservação e qual a proposta para desapropriação desta área, visto que a mesma é uma área hoje com agricultura de alta tecnologia?

De onde viria o aporte financeiro para isso?

Este questionamento vai servir para vocês.

Então é isso um prazo de seis minutos e uma tolerância um pouco maior para este ultimo questionamento.

Carlos Eduardo:

Vamos de baixo para cima aqui falar do tempo de regeneração apresentado e o lapso de período ali nas fotos.

Tem fotos inclusive logo após a lavra, a gente vê o solo recapeado e sem vegetação, e fotos que vai até ali de áreas que foram lavras de seis anos, ou sete anos que é a ultima foto quando você vê uma vegetação muito mais densa e o retorno daquele ambiente e o ecossistema então há uma restauração ecológica ali.

Então basicamente as fotos mais antigas que a gente apresentou ali giram em torno de seis anos, que as ultimas fotos em relação ao nosso processo de recuperação ambiental.



RPPM ele pergunta se a empresa vai plantar teoricamente a gente está isolando, preservando e vamos fazer avaliações técnicas para ver se vai ser necessário ou não fazer um enriquecimento inclusive com o nosso viveiro de mudas que vai ser entregue até o final do ano.

Então isso vai ser muito uma avaliação técnica principalmente depois que a gente tiver principalmente esta aprovação da RPPM junto ao órgão ambiental.

Inicialmente não a área está preservada e a gente não tem a necessidade de fazer este material. O plantio.

A ultima eu acho que a gente está pulando.

Tem a primeira na verdade, os animais estão perdendo o medo do homem e estamos acabando com o seu habitat natural.

Vamos falar aqui a monocultura e o uso do solo Rosângela vem acabando com os animais?

Rosângela:

Sim não é que vem acabando com os animais, a capacidade de adaptação de alguns é realmente impressionante.

Quando eu falo com vocês que os ovos na década de 60 eles não tinham casca para serem chocados , hoje o que a gente vê, eu falo como produtora rural, nós temos uma propriedade ali perto de Unaí e um dia a gente estava saindo da lavoura, eu com o meu pai e nós contamos mais de 50 emas correndo na frente da nossas caminhonete.

E ele feliz e eu mais feliz ainda, porque se elas estavam ali é porque elas estavam conseguindo chocar.

E quando entramos na lavoura de milho saíram revoadas de pássaro preto e o meu pai falou assim, este funcionário aí é o melhor que eu tenho, ele trabalha de domingo e a domingo e não reclama e nem pede hora extra.

Então você vê que as espécies a medida em que os defensivos estão ficando menos agressivos, a medida que tem o plantio direto, que as culturas também sem defensivos, as culturas orgânicas então os animais estão voltando.

Agora o principal que é citado na fauna, o principal motivo para o afugentamento e a diminuição é a monocultura.

Agora eu gostaria também de comunicar que nós estamos com o professor William tentando entrar e ele não está conseguindo, ele está na sala já.

Ele faz parte do estudo, ele faz parte da equipe e ele o pessoal do TI está tentando coloca-lo, ele está conseguindo e então a gente espera que a hora que der certo vocês deem um espaço para ele poder falar. .

Presidente da mesa:

Pessoal da TI o William já está na sala, William então se você quiser falar então ligue sua câmara e seu microfone para que você possa fazer as suas colocações.

William:

Boa noite pessoa eu me chamo William Roque e sou biólogo pela Universidade Federal de Viçosa e mestre pelo Instituto Federal de Minas Gerais e especialista em ictiofauna, especialista em peixes.

Peço perdão por não estar presente, mas acabei de chegar de um trabalho agora à noite, estava em um trabalho no norte de Minas e acabei de chegar agora à noite de um trabalho e estou participando da audiência publica e agradeço pelo espaço cedido.

Avaliando o andar da audiência pública ficou claro que o pessoal leu pouco os nossos estudos ou não tiveram acesso ao EIA, o RIMA é um relatório que é montado com dados mais simplificados, mas o nosso EIA tem mais volume.

No EIA nós deixamos muito claro e no estudo que nós fizemos de apenas um ano, duas campanhas as espécies ameaçadas foram encontradas na área, de todos os grupos, nós fizemos a listagem completa das espécies, nós fizemos, cumprimos totalmente o termo de referência que nos foi cedido pela SEMAD e o que nos foi exigido.

Durante um ano de estudo nós não teríamos condições de fazer um estudo populacional ou de avaliar se uma espécie teria condições de voltar para uma área impactada, isso são questões posteriores e que não são contempladas no EIA.

Então este tipo de estudo seria um trabalho posterior, não seria escopo do nosso trabalho.

Agora em um levantamento de fauna como o próprio termo diz, nós fizemos o levantamento da fauna no local, nós listamos as espécies presentes e nós fizemos também ali naquele trabalho quais os tipos de impactos que poderiam ocorrer com o empreendimento, assim com citamos algumas medidas mitigatórias.

O trabalho posterior a isso não é da alçada do consultor ambiental e do analista que está em campo neste momento, é um trabalho posterior do órgão ambiental, de quem está analisando os nosso relatórios e como nós mostramos a importância destes animais ali e a partir daí eles tomam uma decisão.

Então eu acho que o momento desta audiência pública seria eu como especialista no meu grupo, como conservadorista também como os outros presentes aí seria discutir a importância tanto dos animais presentes no local quanto da importância da mineração e de todos os produtos que ela gera para a sociedade, ao invés da gente ficar discutindo se o estudo atendeu as expectativas dos presentes ou não.

Nós atendemos a expectativa do órgão ambiental ao que nos foi exigido pelo tempo que nos deram.

Se posteriormente pudermos fazer um estudo populacional para determinar o tamanho do impacto possível ou se estas espécies tem condições de voltarem para locais degradados nós teríamos muita satisfação em continuar o estudo e é o que nós propomos e queremos no EIA RIMA também.

Presidente da mesa:

Obrigado William e com a sua fala a gente a gente encerra o bloco de participação dos inscritos e a gente vai para a quarta parte que é o final, para as condições finais, cinco minutos Doutor Carlos Valera, cinco minutos senhor Gustavo e depois dez minutos a empresa.

Carlos Valera:

Pessoal eu confesso que fique preocupado, existem inúmeros pontos que na minha avaliação demandam uma resposta mais vigorosa e mais clara da empresa, e também uma análise mais criteriosa, com todo o respeito do órgão ambiental.

Eu só quero lembrar a todos porque este argumento eu cumpro o TR, eu fiz isso e fiz aquilo, pessoal meio ambiente nós temos que ter uma visão holística, e vou lembrar a todos aqui e desculpem o tom professoral o que está posto na lei.

Lei complementar 140 de 2011 que diz o seguinte, consideram-se licenciamento ambiental o procedimento administrativo destinado a licenciar atividades ou empreendimentos utilizadores de recursos ambientais efetivo ou potencialmente poluidores ou capazes sob qualquer forma, sob qualquer forma de causar degradação ambiental.

Então eu acho que se um empreendedor vai desempenhar uma atividade num ecossistema sensível ele não que ficar com argumento de cumprir o termo de referência.

Ele tem que investigar aquele ecossistema, compara-lo com as atividades que serão desempenhadas e dizer qual são as medidas mitigatórias e compensatórias ou até optar por não minerar, ou não desempenhar a atividade.

Fazendo um princípio da ponderação, levando um pouco a discussão para a questão constitucional.

Então este é um ponto que me preocupa sobremaneira e então acho que nós precisamos além destes argumentos cartoriais a cumprir isso ou cumprir aquilo é de fato enfrentar o problema, enfrentar o problema.

Trazer esta discussão de forma democrática e isso foi feito aqui, mas isso precisa ser melhor interpretado eu vi muita crítica dos especialistas aqui no sentido de que olhe não se trouxeram dados.

E o processo de licenciamento ambiental tem esta finalidade legal, ou seja, eu preciso trazer dados para dizer o que eu vou fazer e quais impactos que a minha atividade vai trazer para este ou para aquele ecossistema.

Então reiterando os meus respeitos a equipe técnica, reiterando meus respeitos a todos os profissionais que trabalharam no EIA RIMA eu estou preocupado e gostaria que estas questões que foram levantadas aqui por todos fossem efetivamente claramente e objetivamente respondidas, muito obrigado a todos.

Presidente da mesa:

Obrigada Doutor Carlos, realmente nós estamos atentos aqui a nossa equipe, porque é muita responsabilidade deste processo e de todos os outros, mas ouvindo todo mundo aqui e toda a preocupação que que envolve isso acaba que a nossa responsabilidade aumenta muito mais.

Passo a palavra agora para o Gustavo Malaco para fazer suas considerações finais.

Gustavo Malaco:

Primeiro parabenizar a condução da mesa, todo o trabalho e a gentileza também a empresa no sentido de propiciou o espaço que está tudo dentro da legislação deixar este agradecimento a vocês pelo acolhimento.

Eu queria dizer que eu li o estudo de cabo a rabo, talvez o outro lado que não leu a ciência, talvez o outro lado que não leu alguns estudos que a gente colocou e que vários pesquisadores aqui destacaram.

Só o bacurau do rabo branco tem três ou quatro artigos internacionais publicados.

Então tem que tomar um pouco de cuidado com este tipo de carteirada dando aqui, desrespeitando quem... Eu passei o meu final de semana inteiro relendo estes estudos que eu já há mais de três meses atrás então dizer que o que este biólogo falou tem que ter um pouquinho de respeito e cuidado também do nosso lado, porque não falta ciência neste processo.

E faço as palavras do Doutor Valera nesta questão que foi colocada em relação eu cumpri o termo, eu cumpri isso e cumpri aquilo, gente, eu já fui consultor hoje eu só trabalho no terceiro setor, trabalho em grandes empreendimentos e todas as empresas que eu passei eu sempre tive esta responsabilidade de disser, isso não está bom, não está atendido, tem isso, tem a ciência, tem mais isso, é o papel da consultor.

E na parte da biodiversidade está claro a quantidade de informações que já existiam na literatura, pelo governo de Minas o reconhecimento da área e infelizmente parece que a

empresa não entendeu este recado ou o seu corpo técnico em dizer, ou seja, esta área é única tomem cuidado, é o papel do consultor de dizer isso, tomem cuidado.

E nós da Angá muito respeitosamente estivemos com a empresa em duas oportunidades e dizemos esta área é única neste processo da biodiversidade, tomem cuidado, tragam mais dados.

Levantamento de espécies nós já entregamos para vocês, eu vou ser bem direto, bastava vocês terem esta leitura, boa parte de aves, peixes, mamíferos de grande porte, era trabalhar apenas a questão do refinamento da questão da população, realmente dos impactos.

Você estão aí há pelo menos 30 ou 40 anos efetivamente atuando e foi dito aqui não temos o acompanhamento de fauna de forma constante, temos que aprofundar os estudos, foram falas que foram colocadas aqui pelo empreendedor.

Em geral, eu não quero de forma nenhuma criminalizar aqui e falar que tem que parar a mineração, seria ingênuo aqui, este processo vai seguir, estado, conluio, empresas, mas devem e não estou falando de forma alguma a Supram não, é o status político a gente está vendo aí a Serra do Curral no processo todo, grandes hidrelétricas pelo país, mas esta área que a gente quer voltar ela é insubstituível, há necessidade de um limite.

Esta empresa que tem ESG se um acionista internacional destas grandes firmas e até uma organização não governamental aqui que atua internacionalmente neste processo ouvir que vocês podem extinguir uma espécie numa cadeia que o Brasil tem compromissos internacionais, e eu afirmo aqui categoricamente esta espécie pode ser extinta regionalmente.

Não estou falando só do bacurau não estou falando de outras, e a resposta não foi dada aqui em nenhum momento porque não foi avaliado.

Como é que vocês sabem de uma espécie que a gente já disse, colocou no relatório disponibilizou para vocês, estou falando este caso específico e o estudo não trás uma contextualização disso.

Gente eu pego os relatórios, os anexos e não há uma contextualização das espécies ameaçadas, algo trivial em qualquer relatório.

No escopo de aves que não eu peguei e vi eu falei não acredito, sinceramente, desculpe a palavra Rosângela, mas se há uma fotografia é uma fotografia queimada dentro deste processo.

Infelizmente na parte da biodiversidade, digo isso com dor de criticar um trabalho, mas eu sou técnico, fui consultor, fui avaliador de impacto ambiental e quando olho um território tão sensível quanto este era dever deste corpo técnico ou parte dele alertar com relação a esta questão.

Reforçar esta questão da restauração, não tem como a empresa não apresentar estes dados e não é para só depois não, vocês estão há tanto tempo, a gente precisa ter segurança na tomada de decisão.

O processo minerário neste processo de restauração retorna ou não, porque dizer os bichos voltam, gente é imperismo, eu acho que volta, é testar, eu falo para vocês aqui eu acho que não voltam.

E ai nós vamos ficar nesse debate, o dever é de vocês dizer que voltam e o nosso é mostrar todo o caminho da importância deste processo.

E vamos parar de ficar falando a agricultura é o problema, é não sei quem é o problema, todos são problema nesta área.



E chegou a hora desta responsabilidade conjunta, só que a agricultura hoje não está mais entrando nos campos hidro mórficos já faz algum tempo até pela atuação do Doutor Carlos Valera e vocês estão, vocês estão entrando nas áreas mais sensíveis.

Se é um hectare ou se podem ser mil hectares daqui há 100 anos faz diferença.

No EIA está escrito 200 hectares vocês trabalharam em 30 que eu entendi que vocês trabalharam ai, mas está escrito 200, vocês vão minerar 200 em dez anos, e se eu multiplicar isso por dez para chegar em 100 anos?

É mais da metade da nossa proposta de unidade de conservação.

Então é um começo de conversa com vocês que eu espero que a gente tenha este espaço para fazer zoneamento dentro deste processo.

Eu entendo perfeitamente que a borda oeste pode ser o processo onde vocês estão mais ativando, mas a borda leste eu vejo com muita preocupação, muita preocupação porque é o corredor.

Finalizando aqui reforçar esta questão das respostas dos biólogos faltantes e dizer que vocês tem uma oportunidade e uma responsabilidade com nosso território, a maioria provavelmente não vive aqui, eu vivo na bacia do Rio Uberabinha.

E eu não gostaria no futuro de dizer que a empresa de vocês e outras foram responsáveis de nos tirar toda esta oportunidade de conservação, estamos juntos para ajudar, todos nós aqui.

Deixo aqui o meu testemunho que a organização tem trabalhado ativamente e não foi atoa que a gente sempre buscou vocês e até a Federação da Indústria teve uma reunião conosco.

Vou finalizar, os questionamentos foram colocados na nossa apresentação e espero que eles sejam respondidos dentro deste processo e novamente agradecer por este momento de escuta e de diálogo, muito obrigado.

Presidente da mesa:

Ainda para finalizar a parte ainda da empresa dez minutos para as suas considerações finais.

Carlos Eduardo:

Agradeço também ao Gustavo, ao Doutor, a Supram, a todos que hoje estiveram aqui e sentaram com a gente para discutir os impactos ambientais desta operação de mineração aqui na unidade de Uberaba, foi importantíssimo, um momento de muito aprendizado.

E Gustavo coloco nestas ultimas palavras suas a nossa total disponibilidade e entender, conversar, buscar realmente que ponto de melhoria é necessário para a RHI Magnesita trabalhar para que a gente tenha uma mineração cada vez mais sustentável.

Este é o compromisso que a gente assume não só aqui na unidade de Uberaba, mas em todas as unidades que a gente frequenta e que a gente trabalha e peço até que quem tiver qualquer informação pesquise a nossa atuação nas comunidades do entorno, nossa atuação com os órgãos ambientais, na cidade, geração de renda, cuidado com o meio ambiente, a gente tem projetos muito grandes em áreas aqui de recuperação ambiental.

Então assim faço as suas palavras com certeza muito bem aceitas e a assertiva que nós vamos trabalhar juntos, vamos construir juntos este pensamento desta área sustentável.

A manutenção da mineração de argila aqui hoje para a cadeia da empresa é importantíssima e então a gente tem que sentar realmente e ir no caminho junto, seja a promotória, a ONG, a academia, as universidades aqui que estão presentes no Triângulo e muito do que a gente já vem desenvolvendo nas outras unidades nossas.

Então faço minhas palavras com certeza em nome da RHI Magnesita, conversei com os meus colegas aqui antes da gente se pronunciar e sim isso vai ser a nossa visão, o nosso trabalho, estar sempre trabalhando uma mineração sustentável com todos os entes aqui.

Apenas alguns itens, eu acho que talvez a forma do consultor falar do termo referência, eu acho que não é a gente se eximir, eu acho que é muito o que foi colocado e a gente cumpriu, pode ser que faltou ou não, a gente vai avaliar com certeza.

Mas não é que a gente se eximiu, seguimos o termo de referência, é porque lá era o detalhamento daquele estudo de impacto ambiental e é por isso que a gente seguiu, não é se eximindo ou porque a gente não iria fazer, muito pelo contrario, a empresa sempre quis investir e nunca se eximiu de fazer o estudo de impacto ambiental, investir neste estudo de impacto ambiental entendendo realmente qual é a necessidade.

Então talvez a forma de se colocar o termo não tenha soado bem e assim eu peço desculpa nesta forma.

Pensando em mineração sustentável eu volto a falar este é o termo, a gente vai trabalhar com isso, a gente vem trabalhando, a nossa matriz de sustentabilidade é muito séria, ela está na bolsa de Londres e lá a gente divulga os nossos resultados ambientais.

Não só da unidade de Uberaba mas de todas as unidades nossas do Brasil e do mundo, e então a gente leva muito sério a matéria sustentabilidade, é uma exposição que a empresa quer realmente ter.

Então se tem pontos que precisam melhorar então vamos trabalhar juntos, vamos melhorar, vamos trabalhar o que é necessário fazer para se chegar a uma mineração que seja exposta.

Eu acho que a gente precisa mudar muito a visão que se tem da mineração, ela na verdade existiram pontos aí, lastros, pontos falhos que a gente não precisa entrar no mérito assim e nem toda a mineração é assim e a gente precisa mostrar o que é bom também, o que são boas práticas.

E eu faço questão de mostrar isso e faço com muita ênfase até mesmo de onde eu venho, nós somos lá de Brumado a maior mina de Magnesita do mundo e o tanto de programas ambientais que a gente está trabalhando e vamos fazer, vamos trabalhar juntos, vamos trazer as universidades igual a gente fez lá em Brumado também.

É isso, é este o nosso objetivo.

A empresa não vai se eximir, não vai fechar os olhos, não vai sentar e dizer assim não, vamos seguir com o licenciamento, o nosso licenciamento é 2003 a gente tem um lastro aí de condicionantes e de revisões que realmente a gente não tem termos para ter trabalhado neste período aí do licenciamento.

Então volto a falar aqui da questão do termo de referência, já levantei, a questão da biodiversidade muito bem levantada, a gente tratou muito bem.

Entendemos que o resultado do estudo foi muito conflituoso, mas vamos sentar e vamos discutir, li muito também o seu estudo, na época a gente fez reuniões sobre unidade de conservações, na época a gente sentou e fez algumas reuniões sobre a unidade de conservação e entendemos qual é este ponto.

Nos propusemos fazer a RPPM também como um fato, tipo existe o fato da necessidade da exploração da mineração ali e da unidade de conservação de uso integral é no limite da unidade de exploração, mas colocamos grandes áreas da gente, boa parte, mais de um terço da área que estava disponível dentro da RPPM fora da questão da reserva legal e as áreas que já estavam protegidas por APP.

AUDIÊNCIA PÚBLICA



Então isso mostra também o que a empresa vem fazendo o que é necessário para a manutenção da biodiversidade e toda a questão da sustentabilidade aqui dentro.

Novamente agradeço aqui em nome da RHI Magnesita o espaço foi muito bom, a gente realmente quis trazer um ambiente confortável, um ambiente seguro para o debate e espero que tenha passado isso mesmo, tanto para quem está aqui ou para quem está assistindo de casa.

A gente tentou trazer o máximo de interação para que todo mundo pudesse participar, todo mundo pudesse perguntar, tirar suas dúvidas, isso eu entendo que foi atendido, espero que todos cheguem a esta conclusão.

E é isso vamos fazer uma mineração sustentável, estamos juntos. Obrigado.

Presidente da mesa:

Obrigada Carlos e eu vou encerrar esta audiência, mas eu queria de uma maneira muito especial agradecer ao Doutor Carlos Valera pela solicitação desta audiência pública, agradecer a você Gustavo de ter solicitado esta audiência pública, foi a partir da solicitação de vocês que foi possível a gente este espaço de debate.

E é único, é enriquecedor para a gente e agradecer a todos os presentes, agradecer as pessoas que estão on line e as 22:30 minutos eu encerro esta audiência pública, muito obrigada.